

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Dissertação

FUTEBOL DE MULHERES ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
um estudo sobre a formação “profissional” de atletas no Esporte Clube
Pelotas/Phoenix

Martina Gonçalves Burch Costa

Pelotas, 2018

Martina Gonçalves Burch Costa

FUTEBOL DE MULHERES ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
um estudo sobre a formação “profissional” de atletas no Esporte Clube
Pelotas/Phoenix

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física na Linha de Formação Profissional e Prática Pedagógica.

Orientador: Prof.Dr. Giovanni Felipe Ernst Frizzo

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C837f Costa, Martina Gonçalves Burch

Futebol além das quatro linhas : um estudo sobre a formação "profissional" de atletas no esporte clube pelotas / Martina Gonçalves Burch Costa ; Giovanni Felipe Ernst Frizzo, orientador. — Pelotas, 2018.

87 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Futebol de mulheres. 2. Formação profissional. 3. Esporte clube pelotas/phoenix. I. Frizzo, Giovanni Felipe Ernst, orient. II. Título.

CDD : 796

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

Martina Gonçalves Burch Costa

FUTEBOL DE MULHERES ALÉM DAS QUATRO LINHAS: um estudo sobre a
formação “profissional” de atletas no Esporte Clube Pelotas/Phoenix

Dissertação qualificada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa de Qualificação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Giovanni Felipe Ernst Frizzo – Orientador
Doutor em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Raquel da Silveira – Convidada
Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Rose Meri Santos da Silva – Convidada
Doutora em Educação e Ciência Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG)

Prof.^a Dra. Franciele Roos da Silva Ilha – Suplente
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Agradecimentos

Dedico essa dissertação as pessoas que sempre me apoiaram e incentivaram para que eu seguisse em frente, em especial, a minha mãe. Se não fosse ela talvez eu teria buscado outros rumos para a minha vida, mas através da tua força para me impulsionar e por acreditar no meu potencial, eu cheguei até aqui. Obrigada por tudo, com certeza essa vitória também é tua;

Dedico também ao meu orientador que passou muito trabalho comigo, foram muitos puxões de orelha, mas apesar das dificuldades, fez com que esta dissertação fosse concluída. Obrigada por todos ensinamentos, foi uma grande honra te ter como meu orientador e compreender o tanto de desigualdade que existe no mundo. Com certeza não teria melhor pessoa para me ensinar não só a realizar uma dissertação, mas a enxergar o mundo de uma outra forma, obrigada;

Dedico também aos meus amigos, em especial a cúpula querida. Só nós soubemos o tanto que tivemos que correr atrás para tentar melhorarmos na profissão. É complicado nos profissionalizarmos em uma área tão ampla com a educação física. Por isso, esse nosso esforço com certeza já está sendo e será ainda mais recompensado. Obrigada por todas as risadas, vinhos, cervejas e amizade que construímos. Vocês foram uma válvula de escape nessa loucura que se chama Mestrado.

Dedico também aos meus familiares, pai, avós, tios, tias, minha avó querida que onde esteja sempre estará do meu lado, amo vocês. Obrigada pelas energias positivas, seguimos em frente, sempre;

Dedico ao Felipe, foi um grande companheiro que tive e uma grande força para que eu não abandonasse tudo. Através do teu incentivo e de falar repetidas vezes que eu era capaz, isso com certeza me ajudou a não pirar de vez. Não sei se sou capaz, mas sobrevivi. Obrigada por tudo;

E por fim, dedico a todas as mulheres esportistas, jogadoras de futebol, de voleibol, de handebol, de basquete, de lutas. Sejam o que vocês quiserem ser, só nunca se esqueçam de serem felizes nos esportes que vocês amam. Essa dissertação é dedicada não somente as jogadoras de futebol, mas também a todas as mulheres que sonham em se profissionalizarem em algum esporte no país.

***“Suenã y serás libre de espíritu,
lucha y serás libre en la vida”
Che Guevara***

Resumo

COSTA, Martina Gonçalves Burch. **FUTEBOL DE MULHERES ALÉM DAS QUATRO LINHAS**: um estudo sobre a formação “profissional” de atletas no Esporte Clube Pelotas/Phoenix. 2018. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esta dissertação se caracteriza como um estudo de caráter etnográfico, onde se acompanhou durante o ano de 2017 a temporada esportiva da equipe de futebol Esporte Clube Pelotas/Phoenix. Para isso, utilizou-se de instrumentos qualitativos de se fazer a pesquisa. Por meio da entrevista semiestruturada e da observação participante, investigou-se a formação “profissional” das atletas. A fim de descobrir isto, foi investigado que apesar das cicatrizes existirem na estruturação da modalidade, seja elas: preconceito da mulher ser jogadora de futebol, a mídia enfatizando a beleza das jogadoras invés das qualidades técnicas e a precariedade financeira dos clubes, o alto rendimento no futebol de mulheres do Brasil é atravessado por condições desiguais de profissionalização, em que se mesclam as características amadoras da prática esportiva e também do envolvimento de atletas mulheres que dedicam-se a construção de sua carreira profissional no esporte. Portanto, como considerações finais, acreditamos que uma das saídas para um maior desenvolvimento do futebol de mulheres no país se dê por uma mudança estrutural e organizacional das entidades esportivas que comandam o esporte no país, se não houver essa mudança, acreditamos que se torne difícil ocorrer melhores oportunidades de profissionalização para as atletas no Brasil.

Palavras-chave: Futebol de Mulheres; Formação Profissional; Esporte Clube Pelotas/Phoenix.

Abstract

COSTA, Martina Gonçalves Burch. **FUTEBOL DE MULHERES ALÉM DAS QUATRO LINHAS**: um estudo sobre a formação “profissional” de atletas no Esporte Clube Pelotas/Phoenix. 2018. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

This dissertation is characterized as a study of ethnographic character, where during the year 2017 the sports season of EC Pelotas / Phoenix was followed. For this, we use qualitative tools to do the research. Through the semi-structured interview and participant observation, the "professional" training of the athletes was investigated. In order to discover this, it was investigated that although the scars exist in the structuring of the modality, be they: prejudice of the woman to be a soccer player, the media emphasizing the beauty of the players instead of the technical qualities and the financial precariousness of the clubs, it was discovered that the roots of these players remain in the sport, is justified for two reasons, the first is that in that particular space they find their peers, and second, it is the players get a passion for what they do. As final considerations, we believe that one of the options for a greater development of women's football in the country is due to a structural and organizational change of the sports entities that run the sport in the country, if there is no such change, we believe that it becomes difficult to better opportunities for athletes in Brazil.

Keywords: Women's Soccer; Vocational Training; EC Pelotas/Phoenix.

Lista de Tabelas

| | | |
|----------|---|----|
| Tabela 1 | Caracterização dos atletas..... | 17 |
| Tabela 2 | Equipe sub-15 do E.C Pelotas/Phoenix..... | 38 |
| Tabela 3 | Equipe Sub-17 do E.C Pelotas/Phoenix..... | 39 |

Lista de Figuras

| | | |
|-----------|--|----|
| Figura 1 | Revista Placar..... | 30 |
| Figura 2 | Jornal Manaus..... | 31 |
| Figura 3 | Campo do Parque Lobão..... | 37 |
| Figura 4 | Atuação dos familiares no Campeonato Gaúcho..... | 42 |
| Figura 5 | Campeonato Gaúcho sub-15 e sub-17..... | 51 |
| Figura 6 | Situação dos campos..... | 52 |
| Figura 7 | Área das goleiras..... | 53 |
| Figura 8 | Equipe sub-17..... | 54 |
| Figura 9 | Etapa do retorno..... | 55 |
| Figura 10 | Almoço do campeonato..... | 56 |
| Figura 11 | A montagem das concentrações..... | 56 |
| Figura 12 | Festa da classificação..... | 57 |
| Figura 13 | A espera das adversárias..... | 59 |
| Figura 14 | Vaga garantida..... | 62 |
| Figura 15 | O estádio da PUC..... | 63 |
| Figura 16 | Fim de campeonato..... | 63 |

Lista de Abreviaturas e Siglas

| | |
|--------------------|---|
| AGFF | Associação Gaúcha de Futebol Feminino |
| CBF | Confederação Brasileira de Futebol |
| CLT | Consolidação das Leis Trabalhistas |
| CND | Conselho Nacional Desportivo |
| CONMEBOL | Confederação Sul-Americana de Futebol |
| DKL | Dick Kerr Ladies |
| EC Pelotas | Esporte Clube Pelotas |
| EC Pelotas/Phoenix | Esporte Clube Pelotas Phoenix |
| EPF | Equipe de Preparação Física |
| ESEF | Escola Superior de Educação Física |
| FA | Football Association |
| FGF | Federação Gaúcha de Futebol |
| FIFA | Fédération Internationale de Football Association |
| PUC | Pontifícia Universidade Católica |
| RS | Rio Grande do Sul |
| SC | Santa Catarina |
| SP | São Paulo |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UEFA | Union of European Football Associations |
| UFPEL | Universidade Federal de Pelotas |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |

Sumário

| | | |
|------------|---|-----------|
| 1 | Introdução..... | 11 |
| 1.1 | Objetivos..... | 14 |
| 2 | Caminhos Metodológicos..... | 15 |
| 2.1 | Caracterização do Estudo | 15 |
| 3 | Futebol de Mulheres | 21 |
| 3.1 | Cicatrizes Abertas..... | 27 |
| 4 | Esporte Clube Pelotas/Phoenix | 36 |
| 5 | Organização Estrutural..... | 48 |
| 5.1 | Campeonato Gaúcho de Futebol de Mulheres Sub-15 E Sub-17 | 52 |
| 6 | Profissional e/ou Amador | 63 |
| 7 | Considerações Finais | 74 |
| | Referências | 76 |
| | Apêndices | 82 |

1 Introdução

Esta dissertação foi realizada para contar o esporte além das quatro divisórias que demarcam o campo da modalidade. Pretende-se não só analisar o futebol que não se enxerga, mas também compreender essas construções e conjunturas que existem dentro do futebol de mulheres do Brasil.

Desta forma, não se pode considerar futebol somente aquele esporte produzido e reproduzido por homens, pois existem vários tipos de “futebóis”. Desde o futebol praticado em campinhos de terra, até aqueles praticados dentro dos campos de grama. A população que o pratica também não é a mesma, não se restringe somente aos homens, pois também fazem parte as mulheres, crianças, idosos, enfim, todos estes integrantes do que se pode denominar “futebol”.

O futebol de mulheres ou os “futebóis” de mulheres, pois não podemos ignorar que existam diferentes futebóis sendo disputados por elas, e também que haja diferentes formas de encarar o esporte, no Brasil, historicamente foi marcado por períodos de ascensões e interrupções, porém não de ausência. Durante quase 40 anos as mulheres foram impossibilitadas de disputar o esporte, por isso, conhecer sobre a modalidade e desmistificar os conceitos em que esse esporte não possa ser jogado por mulheres no país é algo importante e que deve ser cada vez mais realizado na nossa sociedade.

Em sua maioria, as mulheres sempre lutaram para conseguir o direito igualitário, seja no meio esportivo, seja fora desse ambiente, e esse ato de resistência é o que fez e faz com que elas pulem as barreiras do preconceito e continuem em determinados esportes, mesmo que a sociedade não os encare de uma forma habitual.

Através desta dissertação, pretende-se contribuir para a visibilidade e a produção do conhecimento do futebol praticado pelas mulheres, investigando por

meio do dia-dia os fatos ligados a esse esporte, principalmente na questão de como está inserida na sociedade a formação “profissional” de atletas do futebol de mulheres dentro de um determinado clube do sul do país.

Utiliza-se aspas na palavra “profissional” no intuito de realizar uma reflexão sobre se esta utilização é cabível dentro desta particularidade. Se é possível dizer que todas as jogadoras são profissionais ou se tornam profissionais, ou, então, se aquela estrutura da equipe pode fazer com que elas sigam o caminho da profissionalização.

O motivo da escolha dessa temática certamente está atrelado a minha trajetória pessoal que sempre foi ligada ao futebol. Desde muito nova eu mantenho contato com este esporte, seja praticando amadoramente, seja observando jogos na televisão ou de maneira presencial. Desde a minha infância sempre obtive contato com o esporte. Lembro-me de brincar de futebol com o meu primo e não compreender o motivo que outras amigas minhas não faziam a mesma coisa que eu. Não entendia o motivo delas não quererem praticar o mesmo esporte que eu amava tanto. Também me recorro que no colégio eu participava da educação física junto com os meninos, pois as meninas pulavam corda ou praticavam volei, tarefas que eram delimitadas pelo professor de educação física. Na época eu achava estranho que as outras meninas não fizessem a mesma prática minha, mas hoje eu compreendo que talvez eu tenha sido “rebelde” desde jovem. Pois disputar um esporte que no Brasil é hegemonicamente disputados por homens se torna um ato de “rebeldia”, de me sobrepôr as regras imaginárias da sociedade brasileira.

Desta forma, através da minha experiência pessoal, justifica-se a escolha do tema, pois o futebol sempre fez, faz e continuará fazendo parte da minha vida. Por obra do destino, eu, que possuía sonhos de ser jogadora de futebol, de me tornar um dia uma atleta profissional, hoje não utilizo mais as chuteiras e sim pego uma caneta para pesquisar esta modalidade. Através da escrita busco uma forma de retribuir tudo que este esporte já me proporcionou. O futebol interpela com a minha história, interpela com a minha vida.

Por amar tanto esse esporte, me interessei durante a fase final da minha graduação em fazer leituras sobre o futebol de mulheres. Ao reconhecer na literatura histórias parecidas com a minha, me interessei em aprofundar uma possível carreira acadêmica na área, porém, só enxergava uma maneira de continuar esse processo, era desbravando mais sobre esta temática ou sobre as mulheres nos esportes.

Em busca disto, no ano de 2014, realizei o trabalho de conclusão de curso de Educação Física Bacharelado, sobre a perspectiva de profissionalização das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix. Portanto, quando entrei no mestrado, já havia inicialmente uma ideia de continuar estudando o assunto que me interessava. E foi desta forma que mantive a escolha na equipe do EC Pelotas/Phoenix, clube que possui sua relevância no estado por revelar jogadoras e ter o projeto há mais de 20 anos em andamento. E, através da pesquisa etnográfica para realizar esta dissertação, resolvi investigar como problema de pesquisa: como se desenvolve a formação “profissional” de atletas de futebol de mulheres no EC Pelotas/Phoenix?

Para buscar as respostas desse problema, dividi a dissertação em capítulos:

No capítulo 2, discorro sobre os caminhos metodológicos que realizei para fazer essa dissertação. Através da utilização da pesquisa etnográfica e da entrevista semiestruturada com algumas jogadoras, foram selecionados alguns trechos que compõem essa pesquisa.

No capítulo 3, através do título “Futebol de mulheres”, mostro as ausências e ascensões das mulheres no futebol, descrevendo um pouco da trajetória delas desde o pontapé inicial da modalidade na Grã-Bretanha, até chegar ao Brasil. Apresento resumidamente as interdições e barreiras que as mulheres enfrentaram para praticar o futebol e , resultante disso , as cicatrizes que foram geradas desse processo. São marcas que limitam até os dias atuais o avanço da modalidade, gerando as dificuldades na estruturação do esporte.

No capítulo 4, descrevo a história do Esporte Clube Pelotas/Phoenix e sua estruturação local, mostrando o que o clube pode oferecer para as suas jogadoras e quais competições em que ele está inserido.

No capítulo 5, apresento a “Organização Estrutural”, e trato, como o próprio nome diz, sobre a organização que está vigente no futebol de mulheres do país. Explico resumidamente os papéis da Confederação Brasileira de Futebol, Federação Gaúcha de Futebol e a Associação Gaúcha de Futebol Feminino. Além disso, trago os relatos das etapas do campeonato gaúcho sub-15 e sub-17.

No capítulo 6, através da intitulação “Profissional e/ou Amador”, trato de desmistificar o binarismo existente no futebol de mulheres, mostrando que também existem outros conceitos a serem considerados. Além disto, descrevo como acontece as transferências das jogadoras no sul do Rio Grande do Sul e as novas possibilidades que estão surgindo para as jogadoras continuarem na profissão.

Por fim, apresento as considerações finais do trabalho, onde resumo e pontuo os principais temas abordados nesta dissertação.

1.1 Objetivos

OBJETIVO GERAL:

- Analisar a formação “profissional” de atletas de futebol de mulheres no Esporte Clube Pelotas/Phoenix.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Caracterizar a organização do futebol de mulheres no Brasil e as relações com o Esporte Clube Pelotas/Phoenix;
- Compreender as dificuldades da formação de atletas no futebol de mulheres;
- Analisar os significados produzidos sobre o ser atleta de futebol de mulheres.

2 Caminhos Metodológicos

2.1 Caracterização do Estudo

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caráter etnográfico, onde se acompanhou durante o ano de 2017 a temporada esportiva da equipe de futebol de mulheres do EC Pelotas/Phoenix. No intuito de ter uma melhor compreensão do fenômeno a ser pesquisado, decidiu-se utilizar os instrumentos tradicionais das ciências sociais e humanas. Segundo Molina Neto (1999, p.112):

[...] o termo qualitativo é empregado para sustentar um leque de técnicas de investigação centradas em procedimentos hermenêuticos que tratam de descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana.

Por meio destes instrumentos, investigou-se no clube EC Pelotas/Phoenix a formação “profissional” das atletas através da observação participante, diário de campo e de uma entrevista com perguntas semiestruturadas com as jogadoras das categorias sub-15, sub-17 e uma atleta que participaria de intercâmbio com uma universidade norte-americana.

Segundo Spradley (1980), a observação participante, enquanto técnica utilizada em investigação, ressalta que seus objetivos vão muito além da descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e as dinâmicas de cada momento.

Além da observação participante, também se reuniu na dissertação alguns trechos das entrevistas semiestruturadas e da pesquisa etnográfica. Para a realização da pesquisa etnográfica, o pesquisador deve tomar alguns cuidados. Segundo Geertz (1989), a etnografia é uma descrição densa, é “entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de

propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário” (Ibid., p.7).

Se a etnografia é uma descrição densa e os etnógrafos são aqueles que fazem a descrição, então a questão determinante para qualquer exemplo dado, seja um diário de campo sarcástico ou uma monografia alentada, do tipo Malinowski, é se ela separa as piscadelas dos tiques nervosos e as piscadelas verdadeiras das imitadas (GEERTZ, 1989, p.12).

E foi através deste meio de se realizar pesquisa que se desenvolveu a dissertação. Era um modo de não só identificar a diferença das piscadelas para os tiques nervosos, mas também de entender com mais propriedade os movimentos que ocorriam no futebol de mulheres dentro daquela particularidade. Porém, pode-se questionar: “Por que a utilização da etnografia nesta dissertação?” “Qual a possível contribuição deste método para estudar a formação de jogadoras de futebol de mulheres?”

O motivo para a realização de uma pesquisa utilizando a etnografia se dá em razão de que é preciso que a pesquisadora esteja imersa no local de pesquisa para entender com mais profundidade os movimentos que estejam ocorrendo no local. Como cita Rocha e Eckert (2008), a prática da pesquisa de campo etnográfica possibilita essa inter-relação entre o sujeito e o pesquisador, recorrendo à observação direta, conversas formais e informais etc. Além disso, na época da graduação, eu havia realizado uma pesquisa sobre a perspectiva profissional das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix, mas com o passar do tempo entendi que aquele meu estudo carecia de algo mais, de um maior aprofundamento no problema em questão. Senti que a pesquisa tinha sido superficial, mesmo considerando o tema relevante.

Portanto, para a realização dessa etnografia, uma das formas de registro utilizada foi o uso do diário de campo. Ele foi produzido a fim de registrar o dia-dia do clube, no intuito de buscar a compreensão de como acontece a formação das atletas dentro daquela particularidade. Deste modo, foi utilizado um diário para registro de observações coletadas em treinamentos¹, viagens, amistosos e jogos oficiais. Como cita o autor Cardoso (1998, p.103), “Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação”.

No entanto, nada daria certo se eu não tivesse realizado o contato inicial com

¹ Os treinamentos eram realizados na maioria das vezes no Parque Esportivo e Recreativo Lobão, que é o centro de treinamento do clube. Eram treinamentos realizados Sábados pela tarde e Domingo pela manhã. Sábados, das 15h até 18h e Domingos das 09h até 12h, raramente o clube disponibilizava para o departamento das mulheres o estádio da Boca do Lobo.

algum representante do EC Pelotas/Phoenix e eles não tivessem aceito o meu pedido para acompanhar a equipe como pesquisadora. Desta maneira, busquei o contato do treinador/coordenador da equipe. Porém, havia uma exigência para a minha entrada no clube, eu teria que desempenhar a função de preparadora física e pesquisadora. E foi desta forma que me inseri na equipe.

As minhas participações se deram em 27 encontros, começando no dia 5 de Março de 2017 e finalizando na data de 27 de Setembro de 2017. Durante este tempo, pude atuar e observar as fases iniciais do Campeonato Gaúcho sub-15 e sub-17 e a fase final do Campeonato Gaúcho da categoria sub-17.

Além de participar da equipe de preparação física, na qual eu repassava os treinos para as atletas e tentava auxiliar os meus colegas de equipe, a minha tarefa durante o ano era chegar em casa e, após os treinamentos ou viagens, realizar as anotações das observações que eu fazia. Através dessas observações pude escolher as participantes que fariam parte da pesquisa. Para isso, foi criado um roteiro com perguntas para algumas jogadoras do clube.

Segundo Triviños (1987), esse roteiro com perguntas² parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam a pesquisa, e que em seguida oferecem amplo campo de interrogações, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos entrevistados.

Para a realização das entrevistas foram selecionadas quatro jogadoras do EC Pelotas/Phoenix, sendo elas, três atletas que disputavam as categorias sub-15, sub-17³ e uma atleta que participava da parceria do clube com uma empresa que realizava intercâmbios⁴. A escolha da amostra se deu de forma intencional, sendo pré-selecionadas as atletas que possuíam diferentes perfis e que a pesquisadora julgou, ao longo do seu período de participação no clube, que lhe trariam maiores informações daquela particularidade.

² O roteiro com as perguntas se encontram no APÊNDICE B.

³ No ano de 2017, o clube não possuía o plantel principal, somente as categorias de base sub-15 e sub-17;

⁴ Empresa especializada em intercâmbios de atletas, oferecia bolsas de estudos para que atletas ingresassem nas universidades norte-americanas e disputassem as competições esportivas nos Estados Unidos.

Os perfis delimitados nesta pesquisa foram: a) jogadora com experiência em seleções brasileiras de base; b) jogadora experiente no clube; c) jogadora que é de outra cidade e joga no clube; e, d) jogadora que foi selecionada para participar de um projeto que realiza intercâmbio com atletas. Desta forma, na tabela abaixo estão alguns dados das jogadoras selecionadas:

Tabela 1 – Caracterização dos atletas

| Nome | Idade | Cidade Natal e Atual | Benefício do clube | Seleção Brasileira |
|-------------|--------------|-----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| Cristina | 15 anos | Canguçu/Canguçu | Não | Não |
| Daniela | 19 anos | Capão do Leão/ EUA | Bolsa de Estudo | Sim |
| Iara | 17 anos | Quaraí/ Pelotas | Bolsa de Estudo | Não |
| Rafa | 17 anos | Pelotas/Pelotas | Bolsa de Estudo | Sim |

Fonte: Elaboração própria

Das nossas entrevistadas, duas tiveram passagens pela seleção brasileira de futebol de mulheres de base. A atleta Daniela jogou no ano de 2015 na categoria sub-20 da seleção brasileira, enquanto que a atleta Rafa obteve quatro passagens pela seleção de base, uma passagem pela sub-15 e três passagens pela sub-17.

Além disso, chama atenção o fato de três atletas entrevistadas receberem bolsas de estudo. Porém, apesar dessa maioria de jogadoras entrevistadas receberem bolsa, isso não significava que várias outras atletas também recebessem esse benefício.

A seguir, são caracterizados os perfis das entrevistadas:

- A) Jogadora brasileira com passagem pela seleção: a escolha da entrevistada, goleira Rafa, foi dada por ela ser uma das atletas dentro do clube com mais passagens pela seleção brasileira de base. A atleta teve sua primeira convocação para a seleção brasileira sub-15 quando tinha apenas 13 anos de idade. E não foi somente com essa idade que a atleta foi convocada para a seleção, ela também teve outras três passagens, fazendo com que a jogadora se sentisse satisfeita em fazer parte do clube. Rafa disputou no ano de 2017 o campeonato gaúcho sub-17 com a equipe do EC Pelotas/Phoenix;
- B) Jogadora experiente no clube: a escolha da jogadora Iara se deu por ser natural de uma cidade distante de Pelotas e por ter uma vasta experiência no clube. A jogadora saiu da sua cidade natal, Quaraí/RS, no ano de 2014, para tentar uma carreira futebolística no EC Pelotas/Phoenix. A atleta teve que se mudar devido à larga distância territorial entre as cidades. Para isto, contou com a ajuda do clube para poder receber uma bolsa de estudos em um

colégio particular na cidade de Pelotas/RS. No entanto, durante o seu período inicial, teve problemas de adaptação, o que resultou na mudança da sua mãe, que também morava em Quaraí, para a cidade de Pelotas. A jogadora ficou do ano 2014 até o ano de 2017 no clube. Lara, treinava junto com a categoria sub-17 no ano de 2017, porém, como ela teve uma lesão no joelho, isso fazia com que ela não participasse de todas as atividades dos treinamentos do clube;

C) Jogadora que é de outra cidade: a escolha da atleta Cristina, que é natural e residente da cidade de Canguçu/RS, aconteceu por ela morar numa cidade que não é Pelotas/RS. Ou seja, para a atleta jogar ou participar dos treinamentos da equipe ela dependia de várias viagens. Através da utilização de ônibus, a atleta se deslocava todos os finais de semana para os treinamentos que eram realizados aos Sábados e Domingos, em sua maioria, no centro de treinamento do clube. A jogadora, durante o período que participou do EC Pelotas/Phoenix, não contou com nenhuma ajuda de custo ou benefício. Portanto, para seguir sonhando com a carreira, ela dependia da ajuda dos seus familiares que pagavam as suas despesas de viagem e de alimentação. Se não houvesse essa contribuição, a jogadora não teria condições de seguir jogando no EC Pelotas/Phoenix. Um dos fatos inusitados da temporada aconteceu com ela, pois ela começou os treinamentos jogando na posição de lateral direita da categoria sub-15, porém, como esse time teve a saída de uma goleira do elenco, a pedido do técnico, ela começou a treinar no gol e ficou até o restante da temporada nessa posição;

D) Jogadora que participa de intercâmbio: a jogadora Daniela hoje está morando no estado do Texas, Estados Unidos. Através da parceria do clube com uma empresa que realiza intercâmbios com universidades americanas, teve a oportunidade de estudar e jogar futebol por uma universidade norte-americana. Daniela jogou no EC Pelotas/Phoenix de 2013 até 2017, sendo considerada uma das jogadoras mais experientes do grupo. A atleta não podia jogar os campeonatos gaúcho da sub-15 e sub-17, pois já havia ultrapassado a idade, desta forma, a atleta continuava indo ao clube para ajudar as jogadoras mais novas repassando a sua experiência e, também, para se manter em forma física. Daniela, durante seu período no clube, era uma das jogadoras líderes do elenco e nos últimos anos foi a capitã da

equipe. Isso fazia com que as jogadoras mais novas tivessem um respeito muito grande por ela.

Todas as entrevistas foram realizadas no início do ano de 2018 na cidade de Pelotas/RS. No total, foram três entrevistas presenciais e uma não presencial⁵, 'devido a jogadora não morar na localidade da pesquisa. Como instrumento para a realização das entrevistas semiestruturadas foi utilizado o auxílio de um gravador de voz. A média de duração das entrevistas foi de 30 minutos, obtendo uma 1h15 a entrevista mais duradoura e a menor foi realizada de forma presencial, obtendo o tempo de 13 minutos. Além disso, essas entrevistas foram realizadas em variados lugares da cidade: sala de imprensa do EC Pelotas, sala de aula da ESEF-UFPEL e na Praça Dom Antônio Zattera.

Como aspecto ético, para a realização desta dissertação, foi assinado um termo de autorização ao EC Pelotas/Phoenix⁶, permitindo que se pudesse realizar a investigação no clube. E também todos os sujeitos que participaram do estudo foram convidados voluntariamente a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁷. Como algumas entrevistadas eram menores de 18 anos, os seus familiares foram os responsáveis pela assinatura.

Além do que já foi exposto, também se optou pela utilização de nomes fictícios para as atletas, como uma forma de evitar maiores constrangimentos, pois algumas ainda estavam atuando no clube ou participavam das atividades.

⁵ Para a realização da entrevista não-presencial foi utilizado o programa Skype.

⁶ Presente no APÊNDICE B.

⁷ Presente no APÊNDICE C.

3 Futebol de Mulheres

A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato do que se faz de tudo isso [...]. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Os homens são indivíduos, pessoas, trazem consigo sobrenomes que são transmitidos. Alguns são “grandes”, “grandes homens”. As mulheres não “têm sobrenome, têm apenas um nome (PERROT, 2007, p.16).

Afirmando o que Michelle Perrot traz em seu artigo, durante muito tempo a mulher foi destinada ao silenciamento, vivendo quase na inexistência dos livros de história. Assim, aparentava-se, segundo os livros, que somente os homens estavam habitando o planeta terra, que somente a eles era concebido o direito à voz no mundo.

Com o passar do tempo e as lutas por oportunidades igualitárias de direitos entre os sexos, a mulher entendeu que aquele espaço, aquele ambiente, também cabia a ela. Que aquela história da humanidade também foi feita para ela e não era um espaço restrito somente aos homens. Como diz Goellner (2011, p.7):

[...] o fato de não serem nomeadas, evidenciadas, mostradas e narradas não significa, em absoluto, que as mulheres não estivessem, há muito tempo, presentes nas quadras, arenas, campos, parques, ginásios e ruas. Simplesmente a elas não se conferiu luz nem voz. Foram lançadas nas zonas de sombras e de esquecimentos por razões políticas, éticas, ideológicas, religiosas, culturais, entre outras.

O futebol de mulheres⁸ teve o seu pontapé inicial realizado na Grã-Bretanha, mais precisamente na Inglaterra, por volta do ano de 1900, ou pelo menos acreditava-se que tenha acontecido nesta data específica.

⁸ Adotou-se a nomenclatura “futebol de mulheres”, tendo em vista que a categorização de “feminino” imposto ao futebol carrega uma construção de uma feminilidade hegemônica. Sabe-se que existem diversas formas de feminilidade e não apenas uma, por isso se adota essa expressão de “futebol de mulheres” em toda a dissertação.

A equipe do British Ladies Football Club foi considerada o primeiro time oficial do esporte. O British Ladies teve o seu primeiro jogo oficial realizado na data de 23 de março de 1895, quando as suas jogadoras foram divididas entre equipes denominadas “Sul” e “Norte”. Nesta partida, a equipe vencedora foi a do “Norte”, obtendo uma vitória pelo placar de 7 a 1 (NEWSHAM,1997).

Naquela época, os primeiros jogos de futebol praticado por mulheres eram realizados com o propósito de levantar fundos para causas importantes relacionadas a caridade. Segundo Franzini (2005), além de arrecadar fundos para os soldados que estavam na guerra⁹, foi através das fábricas que surgiram as primeiras equipes de futebol de mulheres no mundo.

O futebol se tornou popular, pois foi a modalidade que conseguiu o maior número de adeptas, fazendo com que a maioria das fábricas do Reino Unido que estivessem envolvidas nas produções bélicas também formassem suas equipes futebolísticas. Um exemplo dessa situação aconteceu com a equipe DKL, pois este time que se origina de uma empresa de ramo ferroviário, Dick, Kerr and Co. Ltd (Distrito de Preston), foi convertida em indústria armamentícia no ano de 1915 (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Nesta época, houve uma aceitação do público sobre o futebol praticado por mulheres, tanto na Inglaterra como em diversos outros países da Europa. Apesar disso, no ano de 1921, após esse crescimento da modalidade, a Football Association (FA) proibiu que esse esporte fosse praticado por elas. Isso fez com que esta possível ascensão das mulheres daquela região tivesse que ser interrompida por medidas opressoras, as quais proibiam que as mulheres pudessem jogar futebol. Sendo proibidas de jogar, restava-as acompanharem os jogos pelas arquibancadas ou voltarem aos seus lares. Segundo a resolução que as impedia de praticar: “O Conselho se vê na obrigação de afirmar que o futebol não é jogo para mulheres [...] e convida os clubes membros da Football Association a não ceder seus campos para partidas femininas” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.203). Portanto, as medidas opressoras estavam ocorrendo através da principal entidade responsável pelo jogo na Inglaterra, a Football Association (FA). Esta medida só perdeu forças após a Segunda Guerra Mundial.

⁹Os soldados que faziam parte dos exércitos estavam presentes em campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, ou como ficou conhecida Guerra das Guerras, que durou de 1914 até 1918, e vitimou milhares de pessoas.

Seguindo a mesma opinião da FA, a Fédération Internationale de Football Association (FIFA), entidade mais importante de futebol do mundo, em 1951, também se recusou a organizar um torneio, sob a alegação que eram competências cabíveis a aprovação de médicos e aos professores de educação física. Somente no começo da década de 1970 aconteceria a suspensão do veto da proibição por meio das federações da Alemanha Ocidental, Inglaterra e França (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Ou seja, os obstáculos foram impostos pelas entidades mais importantes do esporte, as quais não recomendavam esta prática às mulheres ou até mesmo se esquivavam da responsabilidade de legitimá-lo. Um exemplo desses foi a da FIFA, que demorou alguns anos a reconhecer a modalidade. Apenas em 1988 foi que a federação aceitou organizar um torneio internacional. A China foi o país escolhido para sediar, no ano de 1991, a primeira Copa do Mundo de Futebol de Mulheres (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Continuando essa viagem do desbravar do futebol de mulheres pelo mundo, esse esporte chega ao Brasil no ano de 1921, ou acredita-se que tenha chego nessa data específica. Assim como ocorreu na Europa, ainda existem dúvidas sobre a exatidão que ocorreu o seu primeiro pontapé inicial do futebol praticado pelas mulheres no país. A opinião mais aceita é a de que surgiu no ano de 1921, sendo disputado por duas equipes de bairros da cidade de São Paulo, na partida entre Senhoritas Cantareirenses contra Senhoritas Tremembenses (MOURA, 2003).

Interessante analisar que durante esta época o público que usufruía dessas práticas no Brasil eram o das classes dominantes, diferentemente do que aconteceu na Europa, pois lá quem o praticava eram as operárias das fábricas. Porém, não demorou muito para o futebol se popularizar. Conforme iam acontecendo jogos pelo país e ocorrendo o aumento desta modalidade, principalmente chegando aos subúrbios das principais cidades, o público que desfrutava desse esporte também foi se modificando, tornando o seu jogo mais popular e conquistando o gosto das classes com menor poder aquisitivo.

Franzini (2005) entende que à medida que o futebol foi se popularizando, a população também foi se modificando. Saindo dos estádios a aristocracia e entrando a classe mais popular. Na época, os clubes que estavam sendo fundados eram clubes de bairros, como o Primavera F.C, S.C.Brasileiro e Casino de Realengo (MOURA, 2003). Enfim, não eram clubes conhecidos como tradicionais no cenário do futebol dos homens.

Durante este período, a presença de filhas e esposas da aristocracia brasileira era muito frequente nos jogos. O futebol tinha *status* de nobreza, assim como o turfe e o remo, os quais eram as principais atividades esportivas da época. Portanto, popularizar o futebol era um grande passo para o futebol de mulheres evoluir e se desenvolver no território brasileiro. Através dessa popularização, abria maior espaço para a formação de equipes no país inteiro.

Resultante desse crescimento do esporte e do aumento de jogos, a mídia começou a noticiar as partidas em que as mulheres estavam disputando. E isso fez com que os chamados “especialistas da época”, oriundos da tradição médica, opinassem, sobretudo, nos veículos de comunicação, sobre aquela modalidade que estava sendo jogada. Principalmente, a categoria dos médicos começou um movimento de não aconselhamento de determinadas modalidades esportivas, pois, segundo eles, as mulheres prejudicariam sua parte fisiológica e com isto resultaria em não cumprir o seu papel¹⁰ atribuído socialmente.

A partir destas argumentações, ocorreram algumas manifestações públicas que visavam fortalecer essa idéia e proibir a prática de algumas atividades esportivas para as mulheres. Como está presente no discurso de um especialista da época, chamado de Ballaryni (1940, p.36), que denominava a palavra futebol como: “natural violência”, “exacerbador do espírito combativo” e “incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino”.

Segundo Franzini (2005), além dos médicos, a mídia também negava o futebol de mulheres apoiados na compreensão de que se as mulheres entrassem neste contexto perderiam a sua verdadeira função: ser mulher, cuidar do lar e ser procriadora de filhos saudáveis.

Este movimento a favor da proibição de alguns esportes para as mulheres gerou efeitos e mudanças no país. O governo vigente da época, que era o de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1950-1954), sob forte influência da mídia e de especialistas em saúde, decidiu instituir um decreto-lei sobre os esportes considerados de “grande risco” para a mulher, dentre os quais o futebol fazia parte.

¹⁰ Durante este período no Brasil, houve uma contradição de pensamentos, entre aqueles que condenavam a atividade física para a mulher e outros que eram favoráveis, pois os “exercícios físicos estavam encarregados de dar aos corpos frágeis das mulheres, saúde para cumprir a ‘missão’ da maternidade e graciosidade e beleza para exercerem, a contento, seus papéis de esposa” (SOUSA, 1994, p.28-29).

Deste modo, no ano de 1941, se instituiu o decreto-Lei¹¹ em que “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.49).

Interessante refletir que era uma época em que no Brasil existia uma contradição de pensamentos. Pois, de um lado estava presente a política do higienismo, onde o foco era fazer com que os trabalhadores não adoecessem e desta maneira duplicassem suas jornadas de trabalho. E, também, aliada a política do higienismo, estava presente a política do eugenismo, onde o objetivo era transformar o Brasil em uma nação forte e, para isto, precisaria que as mulheres também fossem fortes e saudáveis.

Por isso, nem todos os esportes foram não aconselhados e proibidos. Os esportes que não tinham este contato direto com o adversário e que não prejudicassem a parte fisiológica da mulher eram indicados, como: a ginástica, a natação e a dança (SALVINI, 2012).

Apesar das proibições vindas do Estado, o futebol de mulheres novamente deu mostras de que não se submetia totalmente as leis vigentes e mostrou a sua resistência. Na Inglaterra, a FA (Football Association), órgão máximo da modalidade no país, proibiu o esporte sob alegações de que aquele espaço não as pertencia. Apesar disso, algumas equipes, demonstrando a “resistência” na modalidade, continuaram por algum tempo¹².

No Brasil, também aconteceu algo similar a isto. Pois mesmo havendo a restrição para a prática das mulheres no futebol, algumas cidades continuavam a realizar partidas. Há registros do futebol praticado nas cidades de Pelotas, Rio Grande do Sul, e na cidade de Araguari, Minas Gerais.

Segundo Rigo *et al.* (2008), havia a existência de jogos na cidade de Pelotas/RS, nos anos de 1950. Estes autores descrevem como decorrente de uma iniciativa local, onde as equipes EC Vila Hilda e EC Corinthians desenvolviam rotinas com treinamentos semanais, além de realizarem jogos na cidade e região sul do estado.

Também existem estudos como o de Teresa Cristina de Paiva Montes Cunha

¹¹ Este decreto-lei foi implementado em 1965, período ditatorial no país (1965 até 1985), e só teria sua revogação no ano de 1979. Ou seja, enraizando quase 40 anos de interdições e barreiras desses esportes no país. Podemos dizer que o futebol de mulheres no Brasil possui por volta de 40 anos de história oficial e legalizada.

¹² Como exemplo, temos a equipe do Dick Kerr Ladies FC (1917-1965), uma equipe de enorme sucesso na Europa, sendo considerada a mais importante do início do futebol de mulheres.

(2011), que evidencia o futebol praticado na cidade de Araguari/MG, onde as mulheres começaram suas atividades em 1958 e realizaram vários jogos a fim de divulgar a modalidade no país.

Estas foram algumas iniciativas de que se têm informações. E quantas outras estavam acontecendo e não se teve conhecimento?! E quantos outros relatos se perderam no esquecimento?! Essas equipes, numa atitude corajosa e de resistência, se sobrepuseram à recomendação dos especialistas da época e continuaram a praticar o esporte mesmo que não fosse indicado.

No entanto, essa resistência não duraria um longo período. Após algumas viagens e jogos que foram disputados, a opressão política representada pelo período ditatorial no país fez com que essas iniciativas fossem encerradas. Somente em 1979, com a revogação da resolução que impedia a prática desses esportes incompatíveis com as mulheres, foi o que fez com que elas tivessem o direito legal de poderem estar em campo e passar a “tentar” se organizar em times para a disputa de competições estaduais e nacionais.

E eu digo “tentar”, pois mesmo que a prática tenha sido legalizada, parece que é inegável que esses 40 anos de restrição e proibição contribuíram fortemente para que o futebol de mulheres ainda não seja bem aceito e estruturado na sociedade atual.

Com o fim da proibição, alguns clubes foram formados e posteriormente desfeitos. Talvez, o caso que chame mais a atenção seja o da equipe Esporte Clube Radar¹³, da cidade do Rio de Janeiro. Durante toda a década de 1980 não havia uma seleção brasileira oficial, fato que fez com que o clube do Rio de Janeiro servisse de base para representar o país no campeonato. Com esta base da equipe do Esporte Clube Radar e mais atletas do estado da Bahia e de São Paulo, o Brasil conquistou a medalha de bronze nesse mundialito(SOUZA, 2017).

Infelizmente, como acontece com diversas equipes no futebol de mulheres que não conseguem apoio financeiro para custear o projeto por um longo período, no ano de 1990 esta equipe se desfez. Encerrou-se, desta forma, um capítulo nacionalmente importante das mulheres no futebol.

¹³ O Esporte Clube Radar surgiu nas areias de Copacabana no ano de 1981 e no ano seguinte foi transformado em equipe de futebol de campo. Teve sua importância no cenário nacional, pois nunca perdeu uma Taça Brasil, o que seria referente ao título mais importante da época, além de ter ganho diversas partidas internacionais. Um dos momentos mais marcantes para o Radar aconteceu no ano de 1988, pois o time serviu de base para representar a seleção brasileira no primeiro torneio mundial de futebol feminino realizado na China.

Para dar seguimento nesse assunto, o próximo passo desta dissertação é dedicado a contar as cicatrizes que esse período de ascensões e interrupções fez no futebol de mulheres do Brasil. São cicatrizes geradas desde a mulher obter um início tardio na modalidade até chegar a precariedade financeira dos clubes.

3.1 Cicatrizes Abertas

Hoje, passado mais de meio século de perseguição promovida pela ditadura estadonovista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo (FRANZINI, 2005, p.11).

Este subcapítulo pretende contribuir mostrando as cicatrizes abertas que foram geradas desde o período proibitivo do futebol das mulheres no Brasil, até chegar aos dias atuais. Adotou-se o nome “Cicatrizes Abertas”, pois se considera que foram feridas geradas na história do futebol de mulheres do país e, também, por se compreender que mesmo que os anos tenham passado, elas ainda não foram totalmente saradas. Considera-se como sendo os chamados limitadores do progresso da modalidade que geram, desta forma, a dificuldade de profissionalização de diversas jogadoras que sonham em seguir no futebol. Para contar mais sobre isso, a seguir se discorrerá sobre três pontos que se acredita que impeçam este avanço: a) o início tardio no futebol; b) a influência da mídia; e, c) a precariedade financeira.

A primeira cicatriz que se considera ser um limitador neste estudo é o início tardio no futebol. Acredita-se que o atraso no contato inicial com qualquer modalidade esportiva gere dificuldades no seu aprendizado – e é exatamente o que acontece com as mulheres em relação ao futebol no Brasil.

Segundo Pisani (2014), a prática do futebol de mulheres em países como Suécia, Estados Unidos e Alemanha é incentivada desde muito cedo, pois existem escolinhas especializadas para atender mulheres de seis anos de idade. Já no Brasil, essa realidade é bem diferente, essas escolinhas, em sua maioria, atendem apenas homens. As mulheres atletas geralmente têm o contato com o esporte apenas com 14 ou 15 anos. E, talvez, este início tardio na modalidade seja um grande limitador do avanço do esporte no ponto de vista de sua profissionalização e popularização.

Seguindo essa mesma lógica encontrada no estudo da autora Pisani (2014),

todas as jogadoras que foram entrevistadas relataram que tiveram seu início tardio no esporte, começando em média com 13 ou 14 anos. Desta forma, pode-se afirmar que essa falta de oportunidades para as jogadoras conhecerem os esportes desde jovens é um limitador para o seu progresso na modalidade.

Segundo Goellner (2016),

A diferenciação pelas distinções de gênero permeia diversos ambientes, como: educação física escolar, as atividades de lazer, concessão de patrocínios, representatividade em órgão gestores, arbitragem e tantas outras situações nas quais as mulheres têm desvantagens simplesmente por serem mulheres (p.14).

Para Souza Júnior e Darido (2002), a reprodução da cultura hegemônica reforça os preconceitos, colaborando para que as meninas não tenham as mesmas experiências dos meninos, criando-se então uma rede de situações que leva a exclusão e a falta de motivação por parte delas.

Neste sentido, as aulas de educação física talvez sejam consideradas uma das maiores representações do tratamento desigual que homens e mulheres perpassam na sociedade. Segundo Dornelles (2007), as aulas são produtos e produtoras de determinações sociais. E são determinações quando o professor fala: “o futebol para eles, badminton para elas” (GOMES; QUEIRÓZ, 2000, p.35) e quando eles também se referem a quadra com maior espaço para os meninos e menor para as meninas. São tratamentos que, por mais simplistas que pareçam ser, fazem diferença na aprendizagem motora e na apropriação da cultura corporal, afastando-as desse esporte ou de outros ditos “masculinizados”¹⁴.

Apesar dessas citações acima, verifica-se através dos relatos das entrevistadas que os professores de educação física foram alguns dos apoiadores para elas seguirem o caminho da profissionalização no esporte. Como se pode verificar nos trechos abaixo:

Meu professor foi o Sandro Brechane, o árbitro da FIFA. E ele sempre me apoiou, sempre me disse que eu tinha muito potencial pra me destacar no futebol (RAFA, 25/01/2018).

Meu professor ele sempre me apoiou, desde que eu falei que eu jogava, que gostava. Ele sempre me convidou pra jogar na educação física, mesmo às vezes os guris não querendo que eu jogasse, ele sempre dizia: “Não, a Cristina vai jogar” (CRISTINA, 30/01/2018).

Ou seja, o que fica nítido no relato dessas atletas é que apesar do

¹⁴ Significado no dicionário de masculinizar: dar ou assumir aparência ou maneiras masculinas.

preconceito existir, como está presente na entrevista da jogadora Cristina(30/01/2018) que relata que os meninos não queriam jogar futebol com ela na aula de educação física, o fato dos professores de educação física serem apoiadores para essas meninas, talvez faça com que possa diminuir esse preconceito de gênero que está presente dentro destes espaços da sociedade.

Através desses espaços escolares, entende-se que tanto o professor de educação física como a escola são pontos chaves para que se possa diminuir esse preconceito. Porém, esta luta ainda é árdua para diminuir ou quebrar as barreiras das mulheres em determinados esportes. Acredita-se que se esses espaços trabalhassem as questões de gênero desde o início da aprendizagem, tanto para homens como para mulheres, talvez ajudassem a diminuir essas barreiras, no entanto, se não houver essas iniciativas será muito difícil mudar isso brevemente.

Em tempos onde se é discutida pelos governantes a implantação da cartilha “Escola sem partido¹⁵”, que proíbe a utilização da palavra gênero dentro das escolas, não se pode ficar otimista dentro de um futuro próximo no Brasil. A ausência do debate em relação a essa temática em escolas, universidades e espaços em geral, gera a falta do conhecimento e a dificuldade da mulher disputar algumas modalidades esportivas ditas “masculinizantes” pela sociedade brasileira. E sobre isso, é importante que se esclareça:

Diferenças de gênero são aquelas diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, indicando como adequados aos homens e às mulheres, delineando, portanto, representações de masculinidade e feminilidade: a forma de vestir, as atitudes esperadas de um e de outro, as profissões que são valorizadas para homens e para mulheres, entre outros” e as diferenças de sexo são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nascimento e que determinam o ‘ser macho’ ou ‘ser fêmea’[...] (GOELLNER, 2000, p.82).

Ocorre que muitas vezes se confundem as diferenças de sexo com as diferenças de gênero e isso faz com que se encare como habitual as mulheres realizarem determinadas tarefas e não outras, assim como os homens. Resultante desta falta de conhecimento e da confusão que se faz com os conceitos, são gerados preconceitos que ficam evidenciados em ações e em discursos. Para discorrer mais sobre esses assuntos, evidencia-se a influência da mídia nesse contexto, considerando que seja uma segunda cicatriz no progresso da modalidade.

¹⁵ Ver mais em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/05/escola-sem-partido-avanca-na-camara-texto-proibe-uso-do-termo-genero.shtml>>

A mídia torna-se grande responsável pelo bombardeio diário de notícias sobre o futebol dos homens, mas também deve ser responsabilizada pelo baixo espaço evidenciado ao futebol das mulheres. Pois, as possibilidades de inserções do futebol praticado por mulheres nesses campos midiáticos ainda dependem de inúmeros fatores, dentre eles, o principal, que seja rentável. Segundo Bourdieu (1990, p.210),

[...]esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele.

Portanto, não sendo rentáveis esses campos, dificilmente a mídia incentivará essas áreas ou como no caso, essas modalidades esportivas. Em tempos onde se vive numa sociedade capitalista, que visa o lucro em todas as instâncias e ações, o papel midiático será de investir em esportes que delegam lucro para suas empresas, no caso do Brasil, especialmente o futebol de homens, considerado uma “paixão nacional” (DAOLIO, 2000, p.29).

No entanto, apesar do jogo de interesses desses meios, prioritariamente investindo em modalidades que gerem lucros para seus meios de comunicação, o papel do campo midiático no desbravar da história também se fez presente nas questões sobre o futebol de mulheres. Por vezes existiu a comparação das mulheres que jogavam futebol a seres “masculinizados” ou seres “frágeis”, enfatizando os seus atributos físicos, fazendo esquecer o fundamental, a qualidade técnica.

Um exemplo desta valorização da aparência feminina aconteceu no ano de 2001, no Campeonato Paulista de Futebol Feminino organizado pela Federação Paulista de Futebol. Neste, para as mulheres poderem jogar teriam que ter mais de 23 anos e também precisariam cumprir questões estéticas, pois os dirigentes da Federação Paulista prometiam um campeonato que “unisse o futebol e a feminilidade”. Sendo assim, “atletas de cabelos raspados foram barradas, a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré-condições” (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003, p.5).

Como se nota, o intuito da Federação Paulista era atrair a atenção do público dos homens através da exposição de corpos bonitos e sensuais das atletas, valorizando o seu lado estético, além de mostrar que as praticantes de futebol de mulheres poderiam ser “femininas”, ou seja, restringindo as mulheres para apenas

uma forma de ser mulher¹⁶.

O apelo sexista na época não foi unicamente estampado em anúncios de campeonatos, mas fazia parte das principais revistas esportivas do país, através da utilização de fotos sensuais das mulheres que jogavam futebol. Como se demonstra a seguir, no estudo de Salvini e Marchi Jr. (2013), onde os autores realizaram uma análise das reportagens da Revista Placar durante os anos de 1980 até 1990.

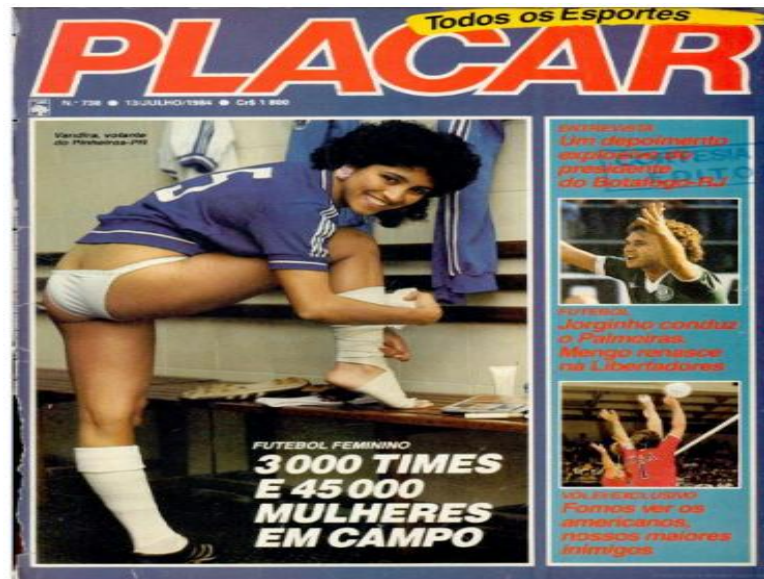


Figura 1 - Revista Placar
Fonte: Revista Placar (1984)

Como está demonstrado na imagem, a revista de maior circulação esportiva do país, por meio da utilização de fotos sensuais das atletas, tentava relacionar a imagem das atletas com ideias de sexualidade, desvinculando de uma possível aproximação do corpo da mulher com o corpo de um homem.

Esse olhar da revista sobre as jogadoras acabava por deixar as potencialidades futebolísticas das mulheres em segundo plano, visto que, nas imagens e perguntas que eram realizadas, a ideia era enfatizar a beleza e a graciosidade da mulher e não a sua qualidade técnica no esporte.

Apesar dessas publicações e iniciativas terem acontecido há algum tempo, pois essa revista se remetia a década de 80 e 90, hoje, passados quase duas décadas dessa iniciativa da Federação Paulista de Futebol para promover um campeonato de futebol para mulheres, e sobre as manchetes expostas na Revista Placar, ainda existem vestígios e reflexos de uma sociedade que não aceita a

¹⁶ Forma hegemônica de ser mulher na sociedade ocidental, ou seja, uma mulher heterossexual, que tenha cabelos longos e que seja vaidosa.

profissionalização da mulher em esportes considerados violentos.

Um exemplo desses aconteceu em 11 de dezembro de 2016. A Seleção Brasileira de Futebol disputou um torneio internacional na cidade de Manaus/AM, na qual enfrentou a seleção da Rússia, tendo vencido a partida pelo placar de 4 a 0. Após esta vitória da seleção, a manchete do jornal “Manaus Hoje” noticiou o seguinte: “Meninas dão de quatro” (SALGADO; COLOMBARI, 2016) – como está exposto na imagem abaixo:



Figura 2 - Jornal Manaus
Fonte: Jornal Manaus Hoje, 12 de dezembro de 2016

Ao fazer uma comparação com manchetes que eram realizadas pela mídia nos anos de 1970 e 1980, vê-se o mesmo sentido nas expressões conotadas.

O futebol depois da louça lavada” Matéria publicada no Jornal do Brasil de 29 de novembro de 1976, Rio de Janeiro; “Mesa tirada, rumo à praia para o futebol” Matéria publicada em O Globo de 11 de abril de 1976, Rio de Janeiro; “Elas namoram, estudam e ainda jogam bola” Matéria publicada na lh Revista de 31 de outubro de 1981, Rio de Janeiro (SALLES; SILVA; COSTA, 1996, p.81).

Palavras que foram utilizadas por especialistas da mídia esportista e por jornais importantes em diversas épocas, de diversos estados, demonstram como o apelo sexista e os preconceitos estavam e ainda continuam enraizados nos esportes que as mulheres praticam, especialmente neste caso, no futebol de mulheres.

Um futebol que possui uma cultura contra-hegemônica no Brasil. Segundo Geertz (1989, p.23), “a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas”. Ou seja, quando se trata sobre a palavra futebol no Brasil, subentende-se os homens praticando essa modalidade, e não homens e mulheres. Esta forma encontrada para narrar histórias contribui para reforçar e estigmatizar estereótipos. Segundo Almeida (2016, p.122),

As matérias sobre o futebol de mulheres, enquanto produção de um sentido, trouxeram ao público discursos que fortaleciam o preconceito, pois, ao mesmo tempo, conservaram e reforçaram estigmas[...]Esses discursos dividiam as jogadoras em violentas, homossexuais e o estiga de amadoras, que não matam a bola no peito[...].

Ao fazer uma análise do futebol de mulheres através da representatividade de um esporte no qual a mulher foi proibida de disputar durante anos, talvez se possa justificar a existência dessas barreiras e preconceitos existentes em manchetes, discursos e ações na sociedade brasileira.

Prosseguindo com as cicatrizes abertas do futebol de mulheres no Brasil, considera-se que, além do início tardio e da questão envolvendo a mídia, existe um terceiro fator limitante do avanço da modalidade e, talvez, seja o maior limitador do progresso do futebol de mulheres no Brasil, qual seja, a falta de investimentos nas equipes do país.

Essa ausência financeira em clubes brasileiros faz com que tanto a estruturação física, sendo composta pela má qualidade dos espaços de treinamentos e dos materiais, quanto a estruturação que o clube oferece para as suas atletas, sejam deficitárias.

Hoje, acredita-se que a relação que os clubes obtêm com as jogadoras possam ser consideradas relações de “emprego disfarçado”. Pois as jogadoras realizam treinamentos semanais, obrigações com o clube e, em contrapartida, não recebem salários, muitas vezes tem até que pagar para treinar e se transportar para o centro de treinamento (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Também, acredita-se ser um equívoco entender o futebol dos homens como um modelo. Porque o futebol dos homens “milionários”, hegemônico no Brasil, diz respeito a uma pequena parcela que recebe salários inimagináveis para praticar futebol profissionalmente, enquanto que a maioria convive com trabalhos sazonais e médias salariais próximas do salário mínimo.

Portanto, a grande parcela dos homens que buscam essa carreira

futebolística e salários exorbitantes não obtém sucesso. Não sendo diferente com o futebol das mulheres, que é um retrato ainda piorado, pois as jogadoras não têm contrato para jogar e muitas vezes têm de arcar dos seus próprios bolsos para almejar uma futura carreira no esporte. Como a jogadora cita: “Do clube, eu tive que investir na verdade. A gente nunca recebeu nada pra estar ali, então é realmente pelo amor, pela camisa” (RAFA, 25/01/2018).

A realidade encontrada no futebol brasileiro de mulheres é que a maioria das equipes participantes se torna dependente de patrocínios e ajudas de custo para montar suas estruturas ou pelo menos arcar com os seus gastos mínimos, como: viagens, equipamentos e estruturas adequadas para as atletas. E não tendo acesso a isto, acabam encerrando suas atividades precocemente.

Algumas equipes realizam o que Souza Júnior(2013) definiu como soluções paliativas, pois oferecem para as atletas bolsas de estudos, moradias, alimentação, transporte, em troca de adquirir o seu valor como atleta. Estas equipes não estabelecem contratos com as jogadoras e nem oferecem recompensas salariais, somente soluções como estas supracitadas, como foi o caso da jogadora Iara. Segundo a atleta, “Eu recebi a bolsa no colégio e de tratamento quando eu me machucava, essas coisas” (15/01/2018).

Com a falta de salários para as jogadoras, as soluções paliativas e a experiência de conhecerem lugares por onde jamais imaginaram passar se tornam alguns dos atrativos para fazer as atletas se motivarem com a carreira futebolística, mesmo que não recebam um valor financeiro em troca. Como se verifica a seguir:

Eu penso que o que eu não recebi em valor financeiro, eu recebi de outras maneiras, sabe?! Em outros gestos, em outras perspectivas. Eu já fui em vários lugares do Rio Grande do Sul, que eu imaginava não ir, mas que eu fui pra jogar e eu conheci. Eu já fui ter reunião com o prefeito, com a vice-prefeita, agora atualmente com a prefeita, então são coisas que te proporciona e que vai muito além do dinheiro, são coisas que vão ficar na memória né, são coisas que contribuem pra tua bagagem cultural (RAFA, 25/01/2018).

Todas as entrevistadas citaram que ninguém as impediu de seguir uma carreira futebolística, mas como estão presentes nos seus discursos, pessoas próximas a elas não acreditavam que aquele lugar as pertencia.

Olha, impedir nunca ninguém impediu... Mas as críticas sempre têm, né?! Por ser guria a gente sempre tem muita crítica por pessoas que vem de fora, por pessoas que não convivem contigo, que não sabem o teu amor pelo futebol, que não te acompanham, que nunca te viram jogar. Daí tu

entra em algum clube de futebol pra jogar, aí essas pessoas que te criticavam e gostam de criticar as outras, elas já começam a mudar, aí já começam a te dizer 'Ah, que legal, não sabia que tu gostava tanto'. É, a crítica é em relação a ser guria e estar jogando futebol. Ser guria e jogar no meio dos guris. Ser guria e a pessoa não acreditar que tu possa chegar em algum lugar no futebol feminino, por ele não ter tanta visibilidade (CRISTINA, 30/01/2018).

Tem alguns parentes que não gostavam muito da ideia, mas nunca me impediram de jogar. Diziam que o futebol não é coisa pra guria, né. Que não ia me dar nada, dinheiro... Alguns só, não eram todos, porque como eu disse, a minha família gosta de jogar futebol, então tinha uns casos a parte (DANIELA, 09/01/2018).

Ah, muitas pessoas de fora da minha família falavam que o futebol não ia dar em nada, mas a minha família me apoiava (IARA, 15/01/2018).

Esses fatores, mesmo que não impeçam as atletas de seguir suas carreiras, transmitem uma barreira cultural no Brasil. Com certeza, essas jogadoras não são as únicas a sofrer isto e nem serão as últimas. A cicatriz em relação à questão da precariedade financeira e do gênero ainda está enraizada na sociedade brasileira, fazendo com que diversas pessoas aprendam desde jovens que em determinadas áreas não são cabíveis ou lucráveis que mulheres ou homens participem. Esses estereótipos são construídos até mesmo na maneira que homens e mulheres devem se comportar perante a sociedade, pois nós, como indivíduos somos moldados cotidianamente “[...] através dos meios de comunicação de massa, da escola, da igreja, da família, do partido político, etc” (GOELLNER, 2000, p.82).

Portanto, desafiar a lógica da restrição feminina nos espaços públicos, ainda mais em espaços dedicados ao futebol, considerado uma reserva para o exercício da masculinidade hegemônica (MOURA, 2005), se torna uma atitude revolucionária. Por isso, mais do que um desejo de jogar futebol, é também uma questão de resistência, de rebeldia, e de enfrentar os preconceitos até mesmo vindos dos seus familiares ou pessoas próximas para buscar o esporte que se gosta.

Para seguirmos nos aprofundando neste tema, o próximo caminho a ser percorrido traz a equipe do EC Pelotas/Phoenix, as suas atletas e sua estruturação para a temporada.

4 Esporte Clube Pelotas/Phoenix

A cidade de Pelotas fica localizada na região sul do estado do Rio Grande do Sul, com uma distância de 250 quilômetros da capital do estado, Porto Alegre. Sua população é composta pela estimativa de 343 mil e 651 habitantes (IBGE, 2016). A cidade é considerada um grande centro cultural do estado, atraindo habitantes de toda a região para conhecer suas riquezas culturais.

Além de ser um pólo na região e uma das cidades mais importantes do estado do Rio Grande do Sul, esta cidade tem no futebol um esporte com muitos adeptos. A cidade de Pelotas, quando se refere ao futebol de campo dos homens, possui três clubes tradicionais: Esporte Clube Pelotas, Grêmio Esportivo Brasil e Grêmio Atlético Farroupilha.

São clubes que desde os anos de 1930 possuem rivalidades e disputam os principais campeonatos da cidade e região (SANTOS, 2010). O Esporte Clube Pelotas(EC Pelotas), clube que foi fundado na data de 11 de outubro de 1908, se encontra inserido dentro deste contexto do futebol pelotense. Além de ser um clube tradicional na região, ele possui uma peculiaridade dentre as demais equipes da cidade, pois tem um departamento de futebol voltado exclusivamente para as mulheres.

Este departamento foi fundado na data de 25 de julho de 1996, sob a denominação de Esporte Clube Pelotas/Phoenix(EC Pelotas/Phoenix) ou “Lobas¹⁷”, como são apelidadas por onde jogam. Embora essa peculiaridade do clube, a diferenciação entre os anos das suas fundações dos departamentos de futebol fica evidente quando se é comparado. Pois, são quase 90 anos de diferenciação entre o sexo dos homens para o das mulheres.

A criação do EC Pelotas/Phoenix aconteceu através do seu atual

¹⁷ Lobas é um apelido em alusão ao símbolo do clube, o lobo.

técnico/coordenador da equipe. A idealização do projeto foi realizada por ele e desde a sua fundação é o responsável por administrar e treinar o grupo das atletas do clube.

Este técnico/coordenador, além de treinar as jogadoras do EC Pelotas/Phoenix, também já obteve em seu currículo uma breve passagem como auxiliar técnico na seleção brasileira de futebol de mulheres na categoria sub-17, em 2009. Essa passagem talvez tenha sido uma forma de abrir as portas e trazer visibilidade para que várias jogadoras do clube pudessem ser convocadas para a seleção nacional¹⁸, pois antes de 2008 apenas uma atleta havia sido convocada e depois de 2008 já foram mais de 24 convocações de jogadoras do EC Pelotas/Phoenix para as seleções brasileiras de base. Por essa razão, o EC Pelotas/Phoenix, nesses últimos anos, tem buscado investir nestas categorias mais jovens¹⁹ quando se trata das mulheres no futebol. Porém, analisando a sua trajetória, ele também já possuiu a categoria com jogadoras adultas.

As jogadoras que vestiram a camiseta do clube conquistaram o reconhecimento no estado e região por adquirir alguns títulos, destacando-se: Bicampeonato de Futsal; Pentacampeonato Citadino de Beach Soccer; Campeonato Gaúcho de Beach Soccer; e Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, conquistado no ano do centenário do clube, em 2008. O clube também participou das edições de 2008 e 2009 da Copa do Brasil de Futebol Feminino (LOBASE.C. PELOTAS, 2016).

Além destes títulos que foram citados, é um clube que se torna importante porque existe há mais tempo em atividade no Rio Grande do Sul, sendo um revelador de jogadoras não só para outras equipes, mas também para a seleção brasileira de futebol de mulheres. Tendo o exemplo mais bem-sucedido o da jogadora Andressinha (Portland-EUA), que obteve uma passagem pelo clube e hoje participa regularmente das convocatórias da seleção brasileira principal, inclusive, tendo recentemente se consagrado Campeã da Copa América de 2018.

No entanto, apesar de ser um clube formador de atletas e de ter ganho alguns títulos no estado e na região, assim como outras equipes no país, possui problemas financeiros e dificuldades na sua estruturação. Atualmente, o clube não disponibiliza

¹⁸ Já foram convocadas 25 jogadoras do EC Pelotas/Phoenix para as seleções brasileiras de base, 24 dessas jogadoras foram convocadas após o ano de 2008, o que foi considerado um divisor de águas no clube, pois o time se consagrou campeão do Campeonato Estadual.

¹⁹ Atualmente, no ano de 2018, o departamento de futebol de mulheres conta com as categorias sub-13 e sub-15. Porém, quando se começou a realizar esta pesquisa, em março de 2017, o clube possuía, além da categoria sub-15, também a sub-17.

salários para as suas jogadoras, sendo o sustento do departamento de mulheres feito através de patrocínios, convênios e, principalmente, o apoio dos familiares das atletas. Além desse apoio, o clube também conta com a participação dos seus auxiliares: estudantes de Educação Física, Medicina, Nutrição, Fisioterapia, Assistência Social e Psicologia das universidades da cidade de Pelotas/RS.

Quanto à estrutura, O EC Pelotas/Phoenix possui um centro de treinamento²⁰ denominado Parque Esportivo e Recreativo Lobão ou Parque Lobão, como é conhecido pela população local. A estrutura física desse centro de treinamento é composta por cinco campos de futebol, além de contar com um espaço de área de lazer que o clube aluga durante o ano inteiro para a comunidade em geral.



Figura 3 - Campo do Parque Lobão

Fonte: Foto tirada na etapa do retorno do campeonato gaúcho sub-15/sub-17

Além de contar com esse centro de treinamento, o EC Pelotas possui sua estrutura administrativa e o estádio principal da equipe localizados no centro da cidade de Pelotas. São bairros diferentes e que possuem uma distância considerável entre um ponto ao outro. Ou seja, para as jogadoras e comissão técnica se

²⁰ As jogadoras do clube treinavam na maioria das vezes neste centro de treinamento, raríssimas vezes os treinos eram feitos no estádio da Boca do Lobo, estádio principal da equipe de futebol dos homens.

deslocarem ao Parque Lobão se necessitava de transporte. E esse transporte era feito através de um ônibus que a equipe das mulheres tinha que fretar²¹ para se locomover para os treinamentos²².

Esses treinamentos realizados pela equipe reuniam as atletas das categorias sub-15 e sub-17. Muitas vezes os treinamentos coletivos eram realizados mesclando as jogadoras, em razão do baixo número de atletas disponíveis durante os treinamentos dos finais de semana.

A seguir, na tabela, caracteriza-se o elenco do clube, mostrando que a maior parte das atletas do EC Pelotas/Phoenix residia fora da cidade de Pelotas/RS.

Tabela 2 - Equipe sub-15 do E.C Pelotas/Phoenix

| Posições | Cidade Natal | Cidade Local |
|-----------------|------------------------|------------------------|
| Goleira 1 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Goleira 2 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Goleira 3 | Canguçu/RS | Canguçu/RS |
| Goleira 4 | Rio Grande/RS | Rio Grande/RS |
| Lateral 1 | Herval do Sul/RS | Herval do Sul/RS |
| Lateral 2 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Lateral 3 | Roque Gonzales/RS | Roque Gonzales/RS |
| Lateral 4 | Guarani das Missões/RS | Guarani das Missões/RS |
| Zagueira 1 | Arroio Grande/RS | Arroio Grande/RS |
| Zagueira 2 | Capão do Leão/RS | Capão do Leão/RS |
| Zagueira 3 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Zagueira 4 | Roque Gonzales/RS | Roque Gonzales/RS |
| Meia 1 | São Miguel do Oeste/SC | Pelotas/RS |
| Meia 2 | Tavares/RS | Tavares/RS |
| Meia 3 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Meia 4 | Rio Grande/RS | Rio Grande/RS |
| Meia 5 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Meia 6 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Meia 7 | Roque Gonzales/RS | Roque Gonzales/RS |
| Meia 8 | Bozano/RS | Bozano/RS |
| Atacante 1 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Atacante 2 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Atacante 3 | São Lourenço do Sul/RS | São Lourenço do Sul/RS |

Fonte: Elaboração própria

Nota: A goleira 4 disputou somente a fase final do campeonato gaúcho sub-15 pela equipe. Anteriormente, ela jogou a fase inicial e retorno pela equipe do Sport Club Rio Grande. (8 Atletas de Pelotas/RS; 12 Atletas de fora de Pelotas/RS)

²¹ O EC Pelotas possui um ônibus personalizado, todavia, é de uso exclusivo da equipe principal dos homens.

²² O dinheiro para pagar o veículo de transporte era coletado através de patrocínios e, principalmente, da ajuda financeira dos familiares das atletas.

Tabela 3 - Equipe Sub-17 do E.C. Pelotas/Phoenix

| Posições | Cidade Natal | Cidade Local |
|-----------------|----------------------------|----------------------------|
| Goleira 1 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Goleira 2 | São Paulo das Missões/RS | São Paulo das Missões/RS |
| Lateral 1 | Porto Alegre/RS | Porto Alegre/RS |
| Lateral 2 | Morro Redondo/RS | Morro Redondo/RS |
| Zagueira 1 | Capão do Leão/RS | Capão do Leão/RS |
| Zagueira 2 | Nova Petrópolis/RS | Nova Petrópolis/RS |
| Zagueira 3 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Zagueira 4 | Santa Maria/RS | Santa Maria/RS |
| Zagueira 5 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Meia 1 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Meia 2 | Formigueiro/RS | Formigueiro/RS |
| Meia 3 | Porto Xavier/RS | Porto Xavier/RS |
| Meia 4 | Santa Vitória do Palmar/RS | Santa Vitória do Palmar/RS |
| Meia 5 | Dom Pedrito/RS | Dom Pedrito/RS |
| Meia 6 | Farroupilha/RS | Chapecó/SC |
| Meia 7 | Quaraí/RS | Quaraí/RS |
| Meia 8 | Quaraí/RS | Pelotas/RS |
| Meia 9 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Atacante 1 | Caxias do Sul/RS | Caxias do Sul/RS |
| Atacante 2 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Atacante 3 | Carlos Barbosa/RS | Carlos Barbosa/RS |
| Atacante 4 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Atacante 5 | Pelotas/RS | Pelotas/RS |
| Atacante 6 | Arroio do Padre/RS | Arroio do Padre/RS |

Fonte: Elaboração própria

Nota: A zagueira 2, a meia 3 e a meia 4, somente disputaram a fase final do campeonato gaúcho na categoria sub-17 pelo clube. Anteriormente, a zagueira 2 e a meia 3 jogaram o campeonato sub-15 pela equipe do Novo Mundo (Três Coroas) e a meia 4, jogava o campeonato sub-17 pela equipe do João Emílio (Candiota). (8 Atletas de Pelotas/RS; 16 Atletas de Fora de Pelotas/RS)

Através dessas tabelas (1 e 2) é possível identificar que estas equipes do EC Pelotas/Phoenix se constituíam com muitas atletas de fora da cidade de Pelotas/RS, o que dificultava o trabalho da comissão técnica para obter todas as jogadoras a disposição durante os treinamentos que eram realizados.

Como foi visto anteriormente, havia a presença de jogadoras de variadas regiões do estado: Região Norte, Região Central, Região Sul etc. A procura dessas atletas pelo EC Pelotas/Phoenix talvez possa ser explicado pela falta de oportunidades em diversas cidades do Rio Grande do Sul, onde não existem clubes de futebol de campo para as atletas buscarem uma possível profissionalização e, em decorrência disto, elas tenham que alçar novos caminhos para seguir praticando a modalidade.

Além disso, outro fator a se considerar para o crescimento do número de jogadoras de fora da região do clube, foi a trajetória da jogadora Andressinha, que saiu da cidade de Roque Gonzales/RS para obter uma carreira futebolística na equipe do EC Pelotas/Phoenix. Talvez, seguir os passos que esta jogadora também

traçou sirva de exemplo para que outras meninas almejem uma futura carreira no esporte.

Por isso, através desse elevado número de atletas de fora da cidade de Pelotas/RS, o clube se tornava completo somente em feriados ou véspera de campeonatos. Para isto, os familiares das atletas do EC Pelotas/Phoenix foram um dos grandes facilitadores para que esse processo acontecesse. Como uma forma de ajudar o clube, essas famílias abrigavam em suas casas as jogadoras que vinham de fora da cidade. Ou seja, o clube ficava isento de ter que conseguir algum alojamento ou pagar alguma hospedagem para estas atletas.

Para compor o elenco, além de contar com essas jogadoras de diversas regiões, a equipe sub-17 também treinava com algumas jogadoras acima da idade da categoria. Essas jogadoras acima de 17 anos estavam contribuindo com a comissão técnica para agregar experiência às atletas mais jovens e também algumas estavam buscando fazer parte de um projeto que selecionava jogadoras para atuarem fora do país²³.

No entanto, apesar de o clube obter um número elevado de atletas em seu elenco e de historicamente ter revelado um número grande de jogadoras selecionáveis²⁴, a realidade encontrada era de dificuldade estrutural. Pois, as condições do gramado disponibilizado no seu centro de treinamento não eram as mais adequadas, existiam desníveis e alguns buracos nos campos do Parque Lobão. O centro de treinamento apresentava alguns campos com uma qualidade superior, todavia, eles eram frequentemente alugados para a comunidade em geral ou para equipe principal de futebol de homens do clube.

Já em relação ao planejamento do clube, também houveram dificuldades financeiras durante a temporada, fazendo com que as jogadoras tivessem que se organizar e pagar uma mensalidade²⁵ para arcar com as despesas da equipe. Este valor pago custeava os deslocamentos das atletas em direção ao Parque Lobão e viagens do Campeonato Gaúcho, bem como materiais e equipamentos novos que a

²³ Através da parceria do clube com uma empresa particular que faz o intercâmbio de atletas para universidades norte-americanas, foi oportunizado que duas jogadoras acima de 17 anos fossem jogar nos Estados Unidos.

²⁴ Utiliza-se a palavra 'selecionáveis', para expressar as jogadoras que fizeram parte da Seleção Brasileira de Futebol de Mulheres

²⁵ Essa situação de pagar mensalidades, segundo o relato das jogadoras, não acontecia em anos anteriores. Apesar das dificuldades que esse projeto pudesse enfrentar, encontrava-se uma maneira e as jogadoras ficavam isentas da contribuição financeira. Mas esse ano foi diferente, pois até equipamentos fundamentais do jogo estavam carecendo.

comissão técnica utilizava. Enfim, a situação financeira se tornava um grande empecilho ao restante do ano.

Portanto, em relação a tudo que já foi exposto, mesmo que as atletas abrissem mão de feriados, do convívio da família e algumas até mesmo do conforto dos seus lares para viver o sonho de almejar uma profissão ainda incerta, elas ainda enfrentavam os desafios impostos até mesmo pela própria estrutura do clube a que “pertenciam”²⁶. Ou seja, as jogadoras se sacrificavam para obter uma (im)provável carreira futebolística. E, isto posto, diante de toda a história das dificuldades da mulher ser reconhecida na modalidade e do nível existencial de profissionalização do futebol de mulheres na região e no país.

Além disso, o clube tinha uma agenda de competições escassa pela razão da ausência de campeonatos, pois o único campeonato que o EC Pelotas/Phoenix sabia que participaria durante o ano era o campeonato gaúcho, sendo que o restante das competições aconteciam ocasionalmente. Ou seja, o clube tinha um calendário marcado por dois meses de duração, e essa era uma das dificuldades da temporada. Fazer com que o restante do ano fosse ocupado por treinamentos e jogos. E, somado-se a isto, também estavam as dificuldades na busca de investidores para manter as jogadoras no clube. Portanto, a organização e o planejamento do clube eram atravessados pela relação improvisada dos componentes da comissão técnica do clube e também, principalmente, do apoio dos familiares das atletas.

Enquanto pesquisadora, ao entrar no projeto e na equipe do clube, acreditava que o EC Pelotas ajudasse minimamente com materiais e equipamentos para a equipe das mulheres. No entanto, esse apoio não se realizava da forma imaginada – havia dias em que a bola que se tinha para trabalhar não era a mais adequada, existia até mesmo a carência de equipamentos primordiais para o jogo. Pois, a equipe dos homens do EC Pelotas, não emprestava os seus equipamentos e materiais esportivos para o time das mulheres. Esses processos, certamente resultavam na dificuldade do trabalho, não só da comissão técnica, mas das protagonistas do jogo, as atletas. Portanto, diante desta realidade, se existia alguém que se poderia considerar um apoiador desse time de mulheres, isto afirmando-se a partir das observações realizadas, eram os familiares das jogadoras.

²⁶ Pertencimento, significado: aquilo que faz parte de algo. As atletas pertencem ao clube, porém não existia um vínculo por contrato.

Depois do treinamento, vejo o técnico da equipe reclamando muito dos patrocinadores. Chegamos na sala dele novamente, colocamos o material que utilizamos. E, eu pergunto: ‘Quanto patrocinadores o EC Pelotas/Phoenix tem?’ Ele me respondeu, que no momento não tem patrocinador, e que se dependesse de patrocinador para começar a temporada, o Pelotas não existia mais (Diário de Campo em 19/03/2017).

A frase que o técnico/coordenador da equipe disse provocou reflexões: “Como que a equipe existe sem patrocínio?” e “Como que a equipe se mantém em pé se não existe apoio financeiro?”. Porém, com o passar do tempo e o passar dos treinos, pude observar que havia uma resposta para isso. Percebi que existia sim um apoio financeiro e o principal patrocinador do clube não eram as empresas, mas os familiares das jogadoras.

Os familiares, para a minha surpresa, se esforçavam para manter o projeto e sonhos de suas filhas de pé. Com o passar do tempo foi possível notar que era mais do que um simples apoio ou incentivo, eles ajudavam o clube em todos os aspectos.



Figura 4 -Atuação dos familiares no Campeonato Gaúcho
Fonte: Foto tirada na etapa do retorno, na cidade de Pelotas/RS

E não eram somente pelo lado financeiro, como se notou nesse nesse dia: “[...] interessante salientar alguma presença dos familiares que estão em todos os treinos. Eles ajudam tirando as fotos, levando alimentos, levando seus filhos a todos os treinamentos” (Diário de Campo em 21/04/2017). Claro que havia alguns familiares mais participativos do que outros, porém a participação deles era intensa e era uma das razões que faziam o clube se estabilizar financeiramente.

Nesse período, um dos fatos curiosos que chamou atenção era que em todos os treinamentos havia uma alimentação específica para as atletas, ou eram algumas frutas (maçã, bergamota e banana) ou salada de fruta. Em razão dessa curiosidade, fui me informar o motivo para que existisse isso. Desta forma, descobri que os familiares da entrevistada eram os que faziam isto toda semana. Como se explica no trecho a seguir:

A gente conseguiu doação de frutas e minha mãe transformava essas frutas em salada de fruta, e aí a gente pegava, fazia tudo, levava aos treinos porque era bem melhor do que as frutas em si, então a gente conseguiu essa doação e meus pais sempre se envolveram muito nos treinos e na organização, então isso foi mais uma coisa que eles fizeram parte (RAFA, 25/01/2018).

Além dos familiares da entrevistada colaborarem com o clube, outros também chamaram a atenção durante este tempo de convívio. Uma dessas pessoas foi a mãe da jogadora Iara (15/01/2018), como se descreve abaixo:

Domingo de treinamentos no Parque Lobão. Me dirijo até a Boca do Lobo, chegando lá encontro uma mãe de uma atleta que vai sempre olhar os treinamentos. Fico conversando com ela, e ela me dizendo que a filha dela não queria ir treinar, porque tá machucada e não vê necessidade de ir. Só que ela forçou sua filha para ir, pelo menos para acompanhar o grupo (Diário de Campo em 07/05/2017).

Existia um motivo para a mãe da jogadora falar isto. A sua filha, que é natural de Quaraí, através da bolsa de estudos que o EC Pelotas/Phoenix conseguiu para a jogadora, obteve a oportunidade de estudar em um colégio particular da cidade de Pelotas. Porém, durante este período, a atleta sofreu uma lesão no joelho e isso fez com que ela se desestimulasse de uma possível carreira futebolística, como está presente neste relato: “Antes eu pensava em seguir profissão, mas aí foi por causa das lesões e cada vez foi agravando mais. Agora só por lazer mesmo” (IARA, 15/01/2018).

As lesões no esporte podem interromper com várias carreiras precocemente. São lesões de todos os tipos: contusões, entorses, luxações, tendinites, enfim. Conforme Carazzato (1993), a busca pelo sucesso impõe aos atletas a necessária e inevitável condição de serem submetidos a esforços físicos e psíquicos muito próximos dos seus limites; resultando em altos números de lesões esportivas.

Embora a atleta Iara tivesse o apoio do clube para realização das suas sessões de fisioterapia e idas ao médico, com o passar do tempo a jogadora se

desestimulou em seguir atuando, pois não via perspectivas de melhoras para a sua lesão.

Resumindo, além das atletas enfrentarem barreiras sociais para jogar futebol, barreiras financeiras para disputar treinamentos e campeonatos, bem como barreiras estruturais, elas também não estavam isentas de obter uma lesão durante este período. Portanto, pode-se dizer que o futebol de mulheres “resistia” no sul do país, muito pela vontade e dedicação de quem ainda acreditava na modalidade.

Além do que já foi exposto, durante uma temporada dentro de um clube de futebol aconteciam algumas curiosidades e no EC Pelotas/Phoenix não foi diferente. O futebol é um esporte decidido dentro das quatro linhas do campo, composto por 11 jogadores de cada lado, técnicos, árbitros e equipamentos. Porém, não é somente por essa razão que esse esporte é formado. O extracampo são detalhes tão importantes ou até mais do que o próprio resultado dentro do jogo.

Acompanhando futebol desde pequena, sempre soube que os treinamentos eram essenciais para que as/os atletas conseguissem buscar o seu melhor desempenho, mas não compreendia o quão forte é a influência da força do grupo, da mobilização das jogadoras, do entusiasmo da comissão técnica e do apoio do clube nesse processo. Um desses problemas encontrados durante a temporada eram as múltiplas funções de quem coordenava a equipe.

Eu acho que deveria ter alguém que se preocupasse só com o bastidor e ele se preocupasse só com o futebol. Porque fica muito pesado pra ele coordenar os dois juntos (IARA, 15/01/2018).

Eu não gostava da parte do treinador se preocupar mais com a vida pessoal das atletas do que dentro de campo. Acho que ele dava muita atenção pra isso e acabava atrapalhando de certa forma dentro de campo (DANIELA, 09/01/2018).

Além das críticas em relação a isto, o treinador/coordenador da equipe, por administrar dois cargos, também era responsável por buscar novos patrocinadores, planejar onde as jogadoras que eram de fora da cidade de Pelotas iriam ficar e, o principal, tinha a missão de planejar os treinamentos.

Essa multiplicidade de funções resultava na ausência de planejamento ou no planejamento feito às pressas para a equipe e isso ficou evidenciado algumas vezes durante a temporada, como nota-se neste trecho abaixo:

Chegando lá no parque, encontramos um dos coordenadores principais da preparação física, e ele, assim como eu e Angélica, estava perdido sobre o que repassar pras gurias que ficariam conosco. Até porque, eram poucas

jogadoras, e o treinador do sub-15 queria utilizar algumas para o coletivo dele (Diário de Campo em 19/03/2017).

E não eram somente o técnico que desempenhava múltiplas funções, a equipe de preparação física, por vezes, também fazia o papel de auxiliar técnico e repassava atividades técnico-táticas para o grupo de jogadoras. Isso acontecia porque inicialmente o treinador não possuía auxiliares técnicas.

Além dessa curiosidade em que todos os funcionários do EC Pelotas/Phoenix tinham que se desdobrar em diversas tarefas, algo que chamou muito atenção foi o fato de que antes de todos os treinamentos e jogos do clube o treinador/coordenador juntava as jogadoras e comissão técnica para, em um formato de círculo, realizar duas orações. Como está demonstrado no excerto do diário de campo a seguir:

Antes do treinamento de domingo, teve algo muito interessante. Reunimos todas as jogadoras e comissão técnica, e formamos um círculo. E nesse círculo, fizemos duas orações (Pai nosso e Ave-Maria), o que nos mostra como a relação da religião e do futebol está presente no dia-dia (Diário de Campo em 19/03/2017).

Essa curiosidade da relação da religião e do futebol foi algo que me causou muita inquietação para em um futuro próximo aprofundar esta temática, pois as orações se tornavam uma prática obrigatória nos dias de treinamentos e jogos durante a temporada inteira da equipe do EC Pelotas/Phoenix. Não só as jogadoras tinham que realizar as orações, mas também todos os membros restantes da equipe e comissão técnica.

Essa temática foi estudada por Carmen Rial (2008), ao tratar que os jogadores brasileiros de futebol de homens, quando iam morar por outras cidades, adotavam a religião como uma forma de equilíbrio emocional. Conforme o excerto abaixo:

Todos demonstraram estar conscientes de que a ascensão econômica em suas vidas só foi possível graças ao futebol – atribuem a uma prerrogativa divina o fato de terem ascendido, como se tivessem sido escolhidos: “Tudo o que sou, devo a Deus”, “Deus quis assim”, “Graças ao Senhor” são frases que pontuam suas falas num reconhecimento da prática futebolística, enquanto uma potencialidade que muitos apresentam, porém é desenvolvida por poucos. Deus (não a religião, como alguns sublinharam) é um valor central em suas vidas, sendo a maioria deles evangélicos (há alguns católicos) (RIAL, 2008, p.17).

Ou seja, vivenciar e estudar o fator extracampo que existe no futebol é algo que pode ser muito rico. O futebol, como outras modalidades, vai muito além das linhas divisórias que demarcam o esporte, vai muito além do jogo por si só, pois

existem várias nuances envolvidas em uma modalidade esportiva. Não só as questões relacionadas aos planejamentos antes dos treinamentos e jogos, mas também em rituais simbólicos, em crenças, como foi o caso, por exemplo, das rezas antes de treinamentos e jogos do EC Pelotas/Phoenix. Esses foram alguns dos exemplos trazidos nesse capítulo. Porém, durante uma temporada existiam outros fatores a se considerar. Essas construções e conjunturas serão vistas no próximo capítulo.

5 Organização Estrutural

Castellani Filho (1988) lembra que a primeira legislação nacional a tratar do esporte remete ao Estado Novo, quando Getúlio Vargas, por meio do decreto-lei nº 3.199/1941 (BRASIL, 1941), estabelece as bases do desporto em todo o país, fundando o Conselho Nacional dos Desportos (CND).

O Conselho Nacional dos Desportos (CND) era o órgão responsável pela regulação e regulamentação de todos os esportes no Brasil, além de ser o criador das respectivas confederações e federações nacionais. A sua extinção ocorreu em 1993. Desta forma, após a sua extinção, as confederações se tornaram as maiores responsáveis pelos esportes no país e é justamente neste formato que surge a Confederação Brasileira de Futebol.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF)²⁷ coordena as seleções de base nacional e também as seleções principais de futebol de homens e mulheres. No ano de 2013, a CBF, em parceria com um patrocinador, resolveu realizar a primeira edição do campeonato brasileiro de futebol de mulheres, porque anteriormente a principal competição era denominada de Copa do Brasil.

Esta entidade, para aumentar o número de clubes do campeonato brasileiro de futebol de mulheres e introduzir “clubes de camisa”, ou seja, clubes tradicionais no cenário dos homens, resolveu se basear na classificação do campeonato brasileiro masculino para organizar as equipes que fariam parte da primeira e da segunda divisão do campeonato das mulheres. Sendo assim, equipes como: Grêmio Football Porto-Alegrense e Associação Atlética Ponte Preta, que não tinham

²⁷ É a entidade máxima de futebol nacional. Fundada na data de 24 de setembro de 1979. Antes disso, era chamada de antiga CBD, que era uma entidade na qual aglomerava os esportes olímpicos. É uma associação privada cuja principal atividade econômica é a produção e promoção de eventos esportivos. A ela estão compostas as Federações estaduais, nas quais realizam os campeonatos de cada estado.

equipes, foram alguns dos beneficiados. Enquanto que outras equipes que investiam na modalidade foram excluídas da primeira divisão da competição.

Para realizar uma reflexão, imagine-se que o campeonato de futebol dos homens passasse por uma remodelagem e a CBF instituísse que os times tradicionais não fariam mais parte da primeira divisão, pois o campeonato iria se basear nos clubes tradicionais das mulheres, ou seja, somente poderiam jogar a competição os times que fossem tradicionais no campeonato delas. Talvez, essa notícia repercutiria tanto que pararia o Brasil e demitiriam quem pensou ou imaginou isto. Mas é justamente essa transformação que ocorreu com o campeonato das mulheres, só que não houve demissões e sim as equipes que não tinham departamentos de futebol de mulheres tiveram que se remodelar, criando ou se associando a quem já tivesse equipes. Desta forma, times que estavam há anos no campeonato²⁸, porém desconhecidos no meio dos homens, foram recolocados para a segunda divisão ou foram extintos das competições mais importantes do cenário nacional²⁹. Mas o esporte não é o mesmo? Não é o mesmo nome? Não são as mesmas regras?

“O futebol é um campo político, com agentes políticos que, mesmo que ocultados permanecem responsáveis por processos discursivos e ações constituidoras do campo esportivo do qual fazem parte” (KESSLER, 2016, p.37).

Além do poder das confederações, que ocupam a posição principal na estruturação do esporte nacional, quem também ocupa uma posição importante no controle do futebol são as federações. As federações são entidades não-governamentais que reúnem clubes ou sociedades esportivas, ligas profissionais, árbitros, etc.

Hoje, na organização do campeonato de futebol no estado do Rio Grande do Sul, existe a Federação Gaúcha de Futebol (FGF)³⁰. Essa entidade possui uma peculiaridade em relação as outras federações do país, porque desde o ano de 2010

²⁸ Para a realização desse campeonato, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) anunciou que a partir de 2017 o campeonato brasileiro de futebol das mulheres terá a premiação para os clubes. Cada equipe que se classificar para o campeonato ganhará 15 mil reais, quem avançar para as quartas, mais 20 mil, 30 mil para quem chegar às semis, 60 mil para o vice e 120 mil para o campeão (CBF, 2016).

²⁹ Comparando o incomparável, mas é interessante fazer uma relação, o décimo sexto colocado no campeonato brasileiro de futebol dos homens no ano de 2016 ganhou 350 mil reais, enquanto que o campeão faturou 10 milhões de reais.

³⁰ Engloba uma das federações constituintes da Confederação Brasileira de Futebol. Esta entidade é a responsável por organizar o campeonato de futebol disputado por homens no estado do Rio Grande do Sul. Desde o ano de 2004, é presidida por Francisco Novelletto Neto.

não coordena o campeonato de futebol de mulheres, tornando o estado do Rio Grande do Sul um dos únicos no país que tem a divisão na coordenação das categorias de homens e mulheres. Desta forma, a responsável pela organização do campeonato é a Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF)³¹.

A Associação, no ano de 2017, foi responsável pelo campeonato³² nas categorias sub-15, sub-17 e adulto. Segundos dados dessa associação, existiam a participação de 17 equipes filiadas, são elas: S.C. Rio Grande, EC Pelotas/Phoenix, Paumar, A.E. João Emílio, E.C. Mundo Novo, S.C.Black Show, A. Estrela F. , S.C. Internacional, F.P.A. Grêmio, E.C. Ijuí, E.C. Guarani, G.E. Sapucaense, S.C. Oriente, F.C. Santaritense, Atlântico F.C., A. Palestra F. e Adergs (AGFF, 2017).

Esta associação, para se manter financeiramente e continuar comandando o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, recebia “anuidade³³” desses clubes, além de obter recursos dos patrocinadores. Embora a associação recebesse esse valor, para a realização do campeonato gaúcho do ano de 2017, ela não garantia a premiação em dinheiro e nem o custeio do valor da arbitragem oficial dos jogos para as equipes sub-15 e sub-17. A contribuição da associação acontecia através de bolas– três para cada equipe que for inscrita em uma única categoria e seis bolas para as equipes que estivessem presentes em mais de uma categoria.

A AGFF iria ser a responsável por pagar a arbitragem, porém, ela empurrou esse valor para os clubes sob a alegação que não conseguiu fechar um patrocínio e que iria ser inviável para a entidade pagar. Sendo assim, foi estipulado que cada clube de mulheres teria que pagar 1500 reais por fase no campeonato gaúcho. O formato hoje do campeonato, é uma equipe ir a cidade de Pelotas, por exemplo, e jogar uma fase eliminatória, passando dessa fase, essa equipe joga outra fase, a chamada fase do retorno, na qual teria que pagar mais 1500 reais e passando dessa segunda fase, jogaria a fase final, ou seja, mais 1500 reais. Portanto, é irreal para as equipes que mal conseguem se sustentar, conseguir fazer um investimento desse porte sozinhas. Mesmo com esse valor alto, o EC Pelotas/Phoenix topou participar e vai tentar através do apoio dos familiares das atletas fazer uma ajuda de custo e ir jogar essas fases. Além dessas questões financeiras, a questão climática também é um impeditivo. A rodada da semana passada foi anulada em razão das chuvas na região (Diário de Campo em 03/06/2017).

³¹ A Associação Gaúcha de Futebol Feminino (AGFF) foi fundada no dia 28 de abril de 2010 e foi criada com o objetivo de desenvolver o futebol feminino, zelando pelos interesses dos seus associados, bem como o aperfeiçoamento e a massificação da sua prática (AGFF, 2017). Através da utilização da lei do incentivo ao esporte, esta entidade tenta viabilizar recursos para as equipes que dela fazem parte. Esta associação esportiva possui, desde a sua criação, a presidência de Carlos Alberto de Souza.

³² Entidade responsável pelo Campeonato Gaúcho de Futebol de Mulheres desde 2010.

³³ Anuidade é a taxa de dinheiro anual que os clubes pagam para a Associação Gaúcha de Futebol Feminino.

Como citado acima, além do custo financeiro que as jogadoras realizavam para participar das competições, elas tinham que contar com a sorte de não ser adiada a rodada. Se houvesse a situação delas pagarem um ônibus para jogar numa cidade distante de Pelotas e acontecer imprevistos por causa das más condições climáticas, todo aquele dinheiro iria, literalmente, água abaixo.

Além desse pagamento que as jogadoras realizavam, cada equipe que participava das competições sub-15 e sub-17 também tinha que arcar por fase classificatória com um valor estipulado em congresso técnico para o custeio da arbitragem. Se a equipe chegasse à fase final, seriam três fases disputadas, ou seja, investimento triplicado. Esta organização da associação gaúcha de futebol feminino foi vista com críticas pelas jogadoras entrevistadas:

[...] considero ridículo o clube ter que pagar a arbitragem. Primeiramente, eu acho que as viagens deveriam ser bancadas pela federação porque daria mais apoio pra vários times que não tem estrutura pra poder jogar (IARA, 15/01/2018).

Então, eu não sei pra onde vai todo o dinheiro que é pago nas inscrições, porque não é possível que a gente ainda tenha que pagar inscrição e pagar anuidade, e em dia de jogos ainda pagar a arbitragem. Eu acho isso errado, mas, se os treinadores que são os treinadores não vão em cima pra ver o que acontece com o dinheiro, imagina nós (DANIELA, 09/01/2018).

Além dessas questões financeiras e climáticas, outro fator chamou atenção sobre o campeonato:

[...] o fato do clube que sediar a fase eliminatória, arcar com alojamentos, alimentação para as outras equipes que vão jogar essa fase. As condições para um clube de mulheres fazer isso é totalmente inviável, pois são clubes que possuem estruturas precárias, e em fator disso, os jogos que seriam realizados em 2 dias na cidade de Rio Grande, Sábado e Domingo, serão feitos somente no Domingo e terão o tempo reduzido, tudo para diminuir os custos. Além disso, a iluminação do estádio não funciona muito bem (Diário de Campo em 03/06/2017).

Resultante destas condições, foi acordado que a primeira etapa do Campeonato Gaúcho sub-15 e sub-17, que seria realizado com a duração de dois dias na cidade de Rio Grande, tivesse que ser adaptada para um dia e com tempos reduzidos nas partidas em razão da falta de estrutura da localidade. E a realização da etapa do retorno, que também seria realizada nessa cidade, teve que ser transferida para a cidade de Pelotas, em razões financeiras justificadas pela equipe do Sport Club Rio Grande.

Ou seja, a dificuldade para se jogar um campeonato gaúcho de futebol de mulheres, sendo uma equipe com menor expressão no cenário futebolístico, era alta. Não só a equipe do EC Pelotas/Phoenix sofria com essa dificuldade financeira para seguir jogando, mas também outras equipes do estado. Segundo a reportagem da Gaúcha ZH(2017), algumas equipes do Rio Grande do Sul, para contornar esse custo, se organizavam através de rifas, jantares e até mesmo da venda de refrigerantes e salgados para conseguir disputar as partidas.

Essa é uma realidade presente em algumas equipes do Rio Grande do Sul que contavam com a ajuda de tudo e de todos para conseguir competir o campeonato estadual. Apesar desse sacrifício financeiro que clubes e jogadoras realizavam para se manter na competição, segundo a entrevistada, ela preferia ver a organização do campeonato como um ponto positivo:

Acho que evoluiu, acho que foi investido em relação à estrutura, a arbitragem, comissão da associação. Então é muito inconstante, mas igual, eu creio que vá melhorar agora com o ingresso do Inter e do Grêmio, eu creio que tenha uma visibilidade maior, um investimento maior, então isso de certa forma valoriza os outros clubes que estão participando (RAFA, 25/01/2018).

Com o ingresso de equipes de “camisa”, como, por exemplo, Grêmio e Inter, algumas jogadoras, como é o caso da entrevistada acima, possuía esperanças que a competição evoluísse e melhorasse. No entanto, a realidade das competições da categorias sub-15 e sub-17 ainda eram bem diferentes do que a jogadora relatava e sobre isso será discutido a seguir.

5.1 Campeonato Gaúcho de Futebol de Mulheres Sub-15 E Sub-17



Figura 5 -Campeonato Gaúcho sub-15 e sub-17
Fonte: Foto tirada em 11/06/17 em Rio Grande/RS, num dos campos de aquecimento do Campeonato Gaúcho.

A primeira etapa do Campeonato Gaúcho sub-15 e sub-17 foi disputada na cidade de Rio Grande, a qual localiza-se a 38 quilômetros da cidade de Pelotas. Esta foi a cidade escolhida para dar início à primeira fase do campeonato do ano de 2017. O campeonato foi dividido em três regiões para a disputa da primeira fase e os times que comporam essa etapa na região sul foram: João Emílio (Candiota), Paumar (Rio Grande), Sport Club Rio Grande(Rio Grande) e EC Pelotas/Phoenix (Pelotas).

Ao se chegar no local dos jogos, teve-se algumas surpresas. A primeira delas foi ver a estruturação local que o clube possuía, pois compondo a sua estrutura física o clube tinha: um estádio apropriado para jogo e dois campos auxiliares em más condições. Sendo que um destes campos iria ser escolhido momentos antes da realização das partidas.



Figura 6 - Situação dos campos
Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Ao observar as condições dos gramados, presenciou-se buracos, areia e desnível. Ou seja, todos os aspectos que se tornam empecilhos para uma boa qualidade do jogo. Isto sem levar em consideração que a área das goleiras não havia demarcações de linhas. Em decorrência disto, a EPF do EC Pelotas/Phoenix teve que colocar cones para guiar as atletas de ambos os times sobre os limites do campo. Como se verifica na imagem abaixo:



Figura 7 -Área das goleiras

Fonte: Foto tirada na etapa de Rio Grande do Campeonato gaúcho.

Desta forma, ao identificar essa precariedade das condições do gramados desta etapa, realizou-se uma análise sobre o regulamento geral da competição. Segundo o artigo 7º, é de responsabilidade da Equipe de Supervisão Técnica/Executiva da Associação Gaúcha de Futebol Feminino verificar a qualidade dos equipamentos esportivos utilizados na competição. Como se vê a seguir, essa precariedade também foi relatada pela jogadora:

A estrutura que a gente jogou, nossa, foi horrível. O campo que eles nos botaram pra jogar foi horrível, acho que o campinho de uma rua qualquer tinha melhores condições. Não tinha marca, não tinha aonde era o pênalti, não tinha aonde era lateral, não tinha nada, a gente tinha que se guiar pelo o que conhecemos de um campo de futebol. Acho que por ser um campeonato gaúcho tinham que ter uma estrutura bem melhor, tinha que ser consideravelmente bem melhor organizado. E em comparação com o masculino é totalmente diferente, claro que no masculino tu encontra campos ruins, mas não campos que nem tu encontra no feminino. É juiz se atrasando, umas coisas assim que tu não encontra no masculino. Aí tu vê que é por causa de ser feminino, tu sente isso (CRISTINA, 30/01/2018).

A entrevistada, ao utilizar a expressão “Aí tu vê que é por causa de ser feminino, tu sente isso”, será que se remeteu ao desinteresse que as entidades responsáveis tinham em produzir um campeonato que não representasse lucratividade para a entidade ou será que era por causa da questão de ser mulher e estar num esporte hegemonicamente disputado por homens no Brasil?

Provavelmente são ambos. As entidades responsáveis pelo esporte no Brasil não se interessam em melhorar uma modalidade que ainda não gera grandes lucratividades para seus cofres e sobre isso é importante de se analisar que essa

lucratividade poderia vir da ajuda de patrocinadores, do apoio da mídia e dos próprios interesses governamentais etc. E, também, pode-se justificar o fato de ser inegável que os anos de preconceitos e de proibições da mulher em gramados brasileiros contribuíram para que essas entidades não dessem o devido valor ao futebol de mulheres no Brasil. Desta forma, as jogadoras eram as que mais sofriam as dificuldades na sua formação.

Em razão da precariedade estrutural encontrada na cidade de Rio Grande e da dificuldade financeira encontrada pelo clube-sede, foi acordado que a etapa do retorno, na qual seria novamente realizada nesta cidade, fosse transferida para a cidade de Pelotas. É importante ressaltar que a equipe que se disponibiliza a realizar esta fase classificatória do Campeonato Gaúcho arca com todas as despesas, sejam elas: alimentação, luz, água, segurança, ambulância, estadia etc. Portanto, a equipe do EC Pelotas/Phoenix seria a responsável por administrar e realizar todas essas tarefas.



Figura 8 - Equipe sub-17

Fonte: Registro feito pelo site das lobasecpelotas

Em relação ao resumo dos jogos que aconteceram nesta etapa, onde todos enfrentaram todos, o EC Pelotas/Phoenix venceu as três partidas que realizou com a categoria sub-17, já a categoria sub-15 venceu uma partida e empatou as outras duas. Portanto, para conseguir a classificação da categoria sub-17, o EC Pelotas/Phoenix precisava de uma vitória na etapa do retorno, enquanto que a categoria sub-15 dependia de duas vitórias.

Esta fase do retorno do campeonato aconteceu no Parque Lobão, Pelotas, nas datas 24 e 25 de junho de 2017. A organização da competição ficou toda com

EC Pelotas/Phoenix. Sendo assim, familiares, colaboradores e comissão foram envolvidos na organização para que tudo saísse de uma maneira organizada. Apesar dos jogos não serem disputados no Estádio da Boca do Lobo, estádio principal do EC Pelotas, o clube disponibilizou o centro de treinamento para fazer esta etapa. Para isto, foi utilizado o melhor gramado que o centro possuía, como se verifica na foto a seguir.



Figura9 - Etapa do retorno

Fonte: Foto tirada na preparação da estrutura local, minutos antes do primeiro jogo do retorno do campeonato gaúcho sub-15 e sub-17.

Além desse gramado disponibilizado, também tiveram partidas sendo disputadas em outro campo. Embora a qualidade não seja tão boa quanto o da Figura 9, era um quadro bem melhor do que foi encontrado na etapa de Rio Grande.

Para isso, a organização da realização dessa etapa, além de ceder dois campos do seu centro de treinamento, também se organizou para realizar o almoço das atletas que disputariam as etapas. Esse almoço foi feito com a participação dos familiares das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix, como se verifica a seguir.



Figura 10 - Almoço do campeonato
Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Além do almoço, que obteve ativamente a participação dos familiares das atletas, essa etapa também contou com a ajuda de pessoas do exército, que ajudaram através da montagem de algumas barracas que serviam de concentração para as equipes, no intuito de melhorar a estruturação do campeonato.



Figura 11 -A montagem das concentrações
Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

Sobre a realização da fase do retorno do Campeonato Gaúcho das categorias sub-15 e sub-17, além do trabalho da comissão técnica, os familiares foram os grandes protagonistas na organização. Fora o investimento financeiro que eles realizaram para comprar coisas básicas para as jogadoras de todas as equipes

participantes, pois o clube arca com todos os gastos da etapa, também estavam trabalhando como gandulas, seguranças, cozinheiros, enfim, todos tiveram uma contribuição primordial para que se realizasse de uma forma mais organizada esta etapa do campeonato. Desta forma, a participação deles foi desde incentivar as suas filhas a irem jogar futebol, até trabalharem como voluntários do campeonato gaúcho.

Quanto aos resultados dentro do campo, como resumo desta etapa, destaca-se a classificação das jogadoras sub-15 e sub-17 do EC Pelotas/Phoenix . O clube conseguiu dois dos seus objetivos na temporada, colocar a equipe sub-15 na fase final que aconteceria na cidade de Três Coroas e colocar a equipe sub-17 na fase final que aconteceria em Porto Alegre.



Figura 12 - Festa da classificação
Fonte: Registro feito pela pesquisadora.

A etapa em Porto Alegre foi a fase final do campeonato na categoria sub-17. Durante esse momento, o campeonato já havia acabado para a equipe sub-15. As meninas da equipe sub-15 do EC Pelotas/Phoenix jogaram a etapa final na cidade de Três Coroas e perderam nos pênaltis para a equipe do Internacional durante a fase semifinal de disputa. Na final da competição, a equipe do Mundo Novo ganhou do Internacional e se consagrou campeã sub-15 do Rio Grande do Sul.

Eu não participei desta etapa final da categoria sub-15, pois o técnico dividiu a comissão técnica em duas, metade fazendo parte da sub-15 e a outra metade fazendo parte da sub-17. Desta forma, fui escalada para o trajeto de Porto Alegre. A

data da fase final do campeonato sub-17 estava marcada para dia 5 de agosto e lá foram as atletas e comissão técnica do EC Pelotas/Phoenix para a fase final da competição. Conforme abaixo:

Quando chegamos na capital gaúcha, na data de 5 de Agosto de 2017, era um domingo ensolarado, o nervosismo e apreensão das jogadoras e dos seus familiares ficou evidente quando descemos do ônibus. Segundo o cronograma do campeonato, os primeiros jogos do dia estariam marcados para acontecer a partir das 9 horas da manhã no campo da ESEF-UFRGS, e o primeiro jogo do E.C Pelotas/Phoenix seria contra a equipe que perdesse este jogo (Diário de Campo em 05/08/2017).

Nessa fase final, fazia parte do campeonato seis equipes, as quais foram divididas em dois grupos, contendo três equipes cada. Um grupo no qual o EC Pelotas/Phoenix fazia parte, juntamente com Palestra e Estrela, que possuía a sua sede no campo da ESEF-UFRGS, e outras três outras equipes, Internacional, Paumar, Atlântico, jogariam no campo da Brigada Militar de Porto Alegre. Dessas equipes, sairiam uma de cada chave para a disputa da final que seria realizada no mesmo dia no campo da PUC, em Porto Alegre. Ou seja, as equipes finalistas chegariam para o seu terceiro jogo no dia.



Figura 13 - A espera das adversárias
Fonte: Foto tirada na etapa final em Porto Alegre

O jogo da equipe do EC Pelotas/Phoenix que deveria começar 11h30 minutos da manhã, acabou começando com uma hora de atraso. Esse tempo de atraso ocorreu porque o jogo anterior terminou perto do horário que estava marcado o

segundo jogo do dia, que seria do perdedor do primeiro jogo, *Palestra versus Estrela*, contra o EC Pelotas/Phoenix. Apesar dessa limitação de tempo para a equipe descansar, o jogo aconteceu e, inclusive, durante esta partida ocorreu um incidente, como está descrito abaixo:

[...] a goleira do Estrela saiu do gol de carrinho e se chocou com uma jogadora do EC Pelotas/Phoenix. No momento do choque, a goleira sofreu uma pancada no ombro. E onde estava a ambulância? Perguntei isto para o técnico e ele me garantiu que a ambulância estava sobre aviso, e caso precisasse chegaria em 5 minutos. Por sorte, o médico do EC Pelotas/Phoenix e a fisioterapeuta do clube atenderam a goleira e não foi nada de mais grave. Porém, essa falta de ambulância por perto poderia gerar graves problemas (Diário de Campo em 06/09/17)

Essa ausência da ambulância não foi só observada durante a etapa final do campeonato. Na primeira fase disputada, onde os jogos foram realizados na cidade de Rio Grande, também não havia a presença de uma equipe médica no local, somente na etapa do retorno, que aconteceu na cidade de Pelotas é que havia essa preocupação com as jogadoras.

Como resumo em campo, ficou descrito no diário a minha surpresa com a atuação da nova zagueira do clube.

Claudia foi uma contratação para a fase final. Esta zagueira jogou na equipe do Mundo Novo o campeonato gaúcho sub-15, e por ter chamado a atenção de outras equipes, o treinador do EC Pelotas/Phoenix conseguiu o empréstimo da jogadora para disputar a fase final pelo sub-17, visto que, no regulamento existia a permissão de inscrever novas jogadoras para disputar uma próxima fase do campeonato (Diário de Campo em 06/09/17).

O processo que ocorreu com a zagueira é o que acontece com algumas jogadoras na região que, em razão do fim dos campeonatos a serem disputados, acabam ficando sem ter onde atuar por causa da falta de oportunidades em cidades próximas. Desta forma, ocorrem dois caminhos para as atletas: ou abandonam o esporte ou são emprestadas pelas suas equipes. E sobre esse empréstimo das atletas, essas negociações são realizadas através do acerto verbal dos treinadores das equipes.

Além da contratação da zagueira Claudia, o EC Pelotas/Phoenix também contratou para jogar a fase final a meia-campista Helena, que veio do time do João Emílio(Candiota), e a outra meia campista Adriana, que também veio do time do Mundo Novo (Três Coroas), atual campeão da categoria sub-15 do campeonato gaúcho de futebol de mulheres.

Todavia, prosseguindo com a fase final de Porto Alegre, a equipe sub-17 do EC Pelotas/Phoenix conseguiu se classificar para final do campeonato. A equipe venceu o Estrela pelo placar de 2 a 0 e também ganhou da equipe do Palestra pelo placar de 3 a 1.



Figura 14 - Vaga garantida

Fonte: Equipe sub-17 festejando a fase final da UFRGS / Porto Alegre

Ao chegar no Complexo da PUC, local onde estava marcada a final do campeonato, jogo entre a equipe do EC Pelotas/Phoenix contra o Internacional, nos impressionamos com a infraestrutura do local. Depois de tantas dificuldades estruturais que foram vistas em algumas localidades da competição, as jogadoras estavam jogando uma final de campeonato em uma estrutura organizada, com o gramado em perfeitas condições e estando presente em um estádio com iluminações ideais.

Parece absurdo eu considerar a palavra “impressionante”, citando que as jogadoras estavam jogando em um campo regular, com uma iluminação ideal e obtendo algumas condições adequadas de estrutura. Porém, se comparado ao quadro em que as atletas do clube haviam passado, até mesmo na cidade de Porto Alegre, etapa final do campeonato, nos chama atenção que exista essa organização neste campeonato.



Figura 15 - O estádio da PUC
Fonte: Final do Campeonato sub-17, EC Pelotas/Phoenix vs Internacional de Porto Alegre.

Como resultado final da competição, o Internacional se consagrou campeão, obtendo uma vitória por 1 a 0 sobre a equipe do EC Pelotas/Phoenix. O jogo obteve um retrato do que poderá se tornar recorrente nos próximos campeonatos estaduais. Que é resultante de uma ampla vantagem física/técnico/tática de equipes que obtenham maiores estruturas e condições para ofertar para as suas atletas. O que talvez faça com que seus elencos sejam mais capacitados do que os das equipes com menor poder financeiro.



Figura 16 -Fim de campeonato
Fonte: Registro feito pelo site das lobasecpelotas

Como resumo do campeonato e de toda experiência que passaram as atletas do EC Pelotas/Phoenix, pode-se fazer uma reflexão e se pensar: Será que realmente o campeonato está evoluindo para equipes e jogadoras? Será que com o que é ofertado para as atletas elas terão condições adequadas de se tornarem profissionais? Será que os clubes se manterão por um longo período em atividade dispendendo de pagar viagens, hospedagens e arbitragem? Ou será que tanto jogadoras como clubes estão imersos em estruturas amadoras de campeonatos e de estruturação? E é justamente sobre esses aspectos que discorreremos no próximo capítulo.

6 Profissional e/ou Amador

As aspas na palavra “profissional”, que está presente no título desta dissertação, são utilizadas no intuito de realizar uma reflexão sobre se a utilização da palavra é cabível dentro desta particularidade. Se é possível dizer que todas as jogadoras são profissionais ou se tornem profissionais.

Para discutir sobre essa temática tão relevante, tem-se que fazer uma viagem no tempo, mais precisamente na raiz do futebol, a Inglaterra.

Pois,

O esporte na Inglaterra se constitui, fundamentalmente, a partir de atividades do âmbito do divertimento das classes dominantes (aristocracia e burguesia emergente) no seu tempo livre e dos jogos populares: apostas de corrida de cavalo e de gente (BRACHT, 1997, p.98).

Porém, não demorou muito para esta prática se disseminar para a classe trabalhadora e, através disso, a profissionalização do esporte se tornava um caminho a ser seguido. “Através da expansão do esporte pela Europa, o jogo foi se modificando, ampliando-se na questão de vestimentas, das regras e até mesmo na questão dos torcedores, elemento que não havia anteriormente”(REIS, 2003). Ou seja, o futebol que começou sendo jogado com um caráter amador, estava começando a se profissionalizar e a cruzar as fronteiras do mundo.

A discussão em torno do futebol profissional ou do amador acontecia antigamente e acontece até os dias atuais. Não se sabe ao certo qual é a diferenciação entre as suas nomenclaturas, visto que o esporte é o mesmo, porém o que realmente difere é a forma como as/os atletas encaram a modalidade esportiva.

Segundo Bracht (1997, p.19), um esporte pode ser considerado com caráter profissional quando “[...] o praticante circunscreve-se no mundo do trabalho, enquanto o consumo daquele; e o esporte praticado como lazer, quando

circunscrevem-se no mundo do não trabalho”.

Assim como o autor acima se refere ao tratar do esporte profissional e de lazer, compreende-se que o esporte de alto rendimento possua princípios de mercado, ou seja, ocorra a transformação da cultura em sua economia, já o esporte amador possua um caráter sem fins lucrativos, onde o produto gerado não visa o lucro, apenas o seu divertimento.

Porém, para aprofundar mais esta discussão, mais do que identificar se esta conceituação é adequada ou não ao se referir às jogadoras do EC Pelotas/Phoenix, busca-se esclarecer a posição desta pesquisa de não atribuir uma denominação fixa para nenhuma atleta. Visto que, se entende que possam existir mais do que somente duas apropriações para caracterizar os esportes e também porque essa caracterização pode ser mutável quanto ao tempo.

Desta forma, a intenção não é fazer dessa discussão um binarismo, julgar se a atleta é profissional ou é amadora, muito pelo contrário, mas desmistificar a escolha de apenas duas opções e dizer que em determinadas particularidades as atletas podem ser outros elementos. Pois, no futebol de mulheres, muitas atletas têm que realizar um investimento pessoal para poder almejar uma futura profissionalização. Portanto, as fronteiras entre o que é considerado amador ou profissional se cruzam lado a lado.

Existem alguns autores que se apropriaram de outras nomenclaturas ao se referirem ao futebol de mulheres no Brasil, por exemplo, Osmar Souza Jr (2013) e Leila Salvini(2012), quando citam as equipes do Santos Futebol Clube/SP e Novo Mundo Futebol Clube/PR, respectivamente. Os referidos autores aderiram a denominação “semiprofissional” para caracterizar as jogadoras. Essa denominação surgiu através da Lei 9.615/1998 (Lei Pelé), sobre o artigo 36º, capítulo V, que regulamentava a atuação das/dos atletas semiprofissionais de futebol, segundo o artigo:

A atividade do atleta semiprofissional de futebol é caracterizada pela existência de incentivos materiais que não caracterizem remuneração derivada de contrato de trabalho, pactuado em contrato formal de estágio firmado com entidade de prática desportiva, pessoa jurídica de direito privado, que deverá conter, obrigatoriamente, cláusula penal para as hipóteses de descumprimento, rompimento ou rescisão unilateral.

§ 1º Estão compreendidos na categoria semiprofissionais os atletas com idade entre quatorze e dezoito anos incompletos.

§ 2º Só poderão participar de competições profissionais os atletas semiprofissionais com idade superior a dezesseis anos.

§ 3º Ao completar dezoito anos de idade, o atleta semiprofissional de futebol deverá ser obrigatoriamente profissionalizado, sob pena de, não o fazendo, voltar à condição de amador, ficando impedido de participar de competições entre profissionais.

§ 4º Do disposto neste artigo estão excluídos os desportos individuais e coletivos olímpicos, exceto o futebol de campo (grifos do autor) (SALLES, 2004, p. 300).

Porém, esse capítulo da lei não se aplica mais. No ano de 2000 houve uma modificação que revogou essa denominação ao tratar dos atletas brasileiros. Desta forma, ficou denominado que os atletas seriam ou profissionais ou não-profissionais, extinguindo-se esta expressão, como se vê abaixo:

Parágrafo único. O desporto de rendimento pode ser organizado e praticado:

I - de modo profissional, caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva;
II - de modo não profissional, identificado pela liberdade de prática e pela inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e de patrocínio. (NR)

Apesar de que a denominação semiprofissional pareça mais adequada do que profissional ou não-profissional, nesta dissertação, quando se refere à algumas jogadoras no Brasil, e em específico as atletas do EC Pelotas/Phoenix, não se pode generalizar uma denominação específica para caracterizar um grupo composto por jogadoras tão heterogêneas e possuidoras de objetivos distintos.

Como exposto pela Rafa (25/01/2018):

Dava pra ver nitidamente assim, que nos treinos mesmo, iam umas gurias que jogavam porque gostavam do esporte, queriam tar ali, gostavam das companhias que tinham. E dava pra ver também as que faziam daquilo a vida delas.

Além das jogadoras terem objetivos distintos, estes também podiam ser mutáveis em relação ao tempo. Como se demonstra no trecho da jogadora lara (15/01/2018), que por causa da sua lesão teve que mudar seus objetivos futuros: “Antes eu pensava em seguir profissão, mas aí foi por causa das lesões e cada vez foi agravando mais. Agora só por lazer mesmo”.

Como no elenco existia uma heterogeneidade de características, algumas encaravam como uma futura carreira e outras poderiam encarar como uma oportunidade de divertimento, um espaço de lazer, um ambiente onde os laços que faziam elas permanecerem, criarem raízes, não eram os vínculos contratuais e sim os vínculos de amor, de amizade e de sonhos. Como está presente nesses trechos:

Se não fosse o grupo, eu já teria saído antes do Pelotas. E aí toda vez que renovava a gente pensava, bah, que droga, vai todo mundo embora. Aí chegava o ano seguinte e tava 2, 3 e já chegava gente nova que chegava se enturmado (DANIELA, 09/01/2018).

Muitas gurias elas falavam que queriam ser jogadoras, mas também tinha uma boa parte que não queria sair do Pelotas por causa das amizades. Muito pelo convívio (IARA, 15/01/2018).

Além dessa diferenciação dos perfis das atletas, a sociabilidade era um dos fatores que fazia com que essas jogadoras enfrentassem os problemas estruturais do clube e continuassem jogando futebol dentro daquela localidade. Essa sociabilidade gerava o sentido de pertencimento, de que as atletas estavam naquele local por gostarem de estar no ambiente, da roda de convivência, além de amar a modalidade. Ou seja, permanecendo em um espaço onde encontravam pessoas semelhantes a elas.

Eu digo mil vezes que eu prefiro chorar por futebol, sofrer por futebol do que sofrer por qualquer outra coisa, que a maioria dos jovens sofre. Eu acho que o futebol me ensinou muita coisa também que eu levo pra minha vida. Porque pra ti jogar futebol, além de saber jogar futebol, tu tem que ter humildade, interação com as pessoas (CRISTINA, 30/01/2018).

O futebol sempre foi muito mais que só um esporte, ele me proporcionou qualidade de vida. E a primeira pergunta que eu fiz quando cheguei ao médico foi se eu podia continuar jogando futebol. E aí ele falou que sim, vai ser ótimo que tu faça algum esporte, que tu pratique, vai ser bom pro teu nível de açúcar no sangue, então isso tornou saúde pra mim. Isso tornou muito mais do que eu posso explicar (RAFA, 25/01/2018).

Segundo essas entrevistadas, o futebol ia muito além do que um simples esporte, ele era saúde, ele era amor, ele se tornava também qualidade de vida. Apesar das barreiras que eram impostas para as mulheres praticarem esta modalidade na sociedade brasileira, elas ainda continuavam buscando um espaço para jogar o que realmente amavam, o futebol.

Elas se reconheciam como jogadoras de futebol e se sentiam a vontade por permanecerem inseridas dentro de espaços como este, que tanto poderiam ser considerados amadores, por tudo que já foi exposto nesta dissertação, mas que também poderiam ser considerados como um espaço profissional, pelo modo como algumas jogadoras encaravam a futura carreira. A linha que diferiam eles poderia ser considerada tênue e mutável.

No entanto, apesar das jogadoras terem o sentido de pertencimento nos clubes, a ausência de oportunidades na modalidade gerava a culpabilização por parte delas. Essa culpabilização talvez se tornasse um processo resultante dos

preconceitos da sociedade em não encarar de uma forma habitual a mulher praticando este esporte. Desta forma, quando os clubes fechavam as portas para algumas jogadoras, elas isentavam esses dirigentes dessa culpa. Como ficou evidente nessa fala da jogadora:

Eu entendo os fatores pra ter acabado com a categoria, mas eu acho que é um pecado porque tem muitas gurias que tinham muita qualidade, talento e que tipo, perdeu um pouco da motivação por não ter a categoria mais. Porque tipo, não tem outro time que tu possa jogar e ter a grande influência do técnico pra te levar pra seleção, não tem. O futebol de campo na região o maior é o Pelotas, então tu te desmotiva um pouco no teu sonho da carreira de futebol, mas a vida que segue né (CRISTINA, 30/01/2018).

Quando a atleta diz “Eu entendo os fatores pra ter acabado com a categoria [...]”, ela talvez carregue os discursos históricos de que o futebol de mulheres é um futebol de “culpadas”, de “invasoras”, no qual aquele espaço não lhes pertence. Essas argumentações e o fim de alguns clubes faziam com que o sonho de diversas mulheres se tornasse mais difíceis.

Eu quero seguir jogando, mas é o querer e não saber como. Agora eu quero jogar, queria ter um plano que eu soubesse que daria 100 % certo, tar estudando e jogando ao mesmo tempo e crescer com isso. Só que a partir do momento que o time que eu jogo que é o único time de futebol de campo feminino que eu possa jogar que é o lugar mais perto que eu posso ir, ele acaba. Aí tu já pensa: como que eu vou seguir jogando? Como eu vou manter meus planos de seguir jogando? Não tem (CRISTINA, 30/01/2018).

A ausência de clubes na região, como está expresso na fala da jogadora, evidencia a dificuldade que algumas mulheres encontram de ter uma oportunidade de disputar este esporte. Em razão de ter acabado a categoria, elas não tinham aonde jogar e essa ausência de espaço poderia afastar não somente o sonho delas, mas de diversas mulheres de seguir no futebol.

Um exemplo similar a esse aconteceu no ano de 2012, quando a atleta Érika, que hoje joga no Paris Saint-Germain (FRA), mas que durante aquele período jogava no Santos (SP), foi para uma coletiva de imprensa para falar sobre o fim da equipe de mulheres do Santos e não culpou o clube pelo fim, muito pelo contrário, a atleta agradeceu o clube pela oportunidade. Nas palavras de Érika: “Chega um momento em que é insuportável você não reduzir os custos. Então tivemos que tomar esta medida difícil, complicada. Pra mim, emocionalmente muito complicada” (SOUZA JUNIOR, 2013, p.77).

O exemplo da jogadora demonstra que algumas mulheres, para jogar no Brasil, quase têm que pedir desculpas por se “intrometer” em um terreno em que

acreditam que não as pertencem. Na época, várias atletas que estavam no Santos foram para equipes asiáticas, mercados europeus ou ficaram sem ter onde jogar futebol. Essa ausência de oportunidades fez com que algumas jogadoras abandonassem esse esporte precocemente por causa da falta de clubes onde elas pudessem jogar. E sobre isto, encontra-se um universo similar no clube EC Pelotas/Phoenix, como está exposto abaixo:

Eu espero que surja alguma possibilidade que eu vá pro exterior. Eu creio que é a minha melhor opção se eu quiser mesmo seguir a carreira. Porque aqui no Brasil, tanto investimento, quanto visibilidade quanto valorização do público, das famílias, acho que é muito precário ainda. Tá muito devagar esse andamento aqui e eu queria algo mais além (RAFA, 25/01/2018).

É o querer jogar e não saber aonde? É querer seguir jogando no clube, porém não saber se no ano seguinte irá existir a categoria. Enfim, parecia que a cada passo a frente, com uma maior visibilidade do futebol de mulheres no mundo, existia dois passos atrás, por parte da estruturação dos clubes no Brasil.

Em razões disso, várias atletas que tiveram a sua categoria extinta, como ocorreu com a categoria sub-17 do EC Pelotas/Phoenix, para seguir almejando uma carreira no esporte foram emprestadas para outras equipes ou abandonaram a modalidade.

Essa lacuna existente entre as categorias de base e a categoria principal das jogadoras no Brasil também é larga. Esse processo é resultante da falta de oportunidades que diversas atletas perpassam no país para seguir jogando futebol. Por isso, um dos caminhos para as jogadoras seguirem no esporte se encontra em transferências de clubes ou até mesmo em mudança de país em busca de novas oportunidades no esporte. Como verificamos abaixo:

Claudia foi uma contratação para a fase final. Esta zagueira jogou na equipe do Mundo Novo o campeonato gaúcho sub-15, e por ter chamado a atenção de outras equipes, o técnico/coordenador do EC Pelotas/Phoenix conseguiu o empréstimo da jogadora para disputar a fase final pelo sub-17. Visto que, no regulamento existe a permissão de inscrever novas jogadoras que disputaram a fase anterior (Diário de Campo em 06/09/17).

Por isso, algo que acontece com frequência no futebol de mulheres do sul do Brasil são as transferências de atletas em meio às competições ou término delas. Como no futebol de mulheres é rara a existência de empresários e as atletas, em sua maioria, não têm vínculos contratuais com os clubes, apenas o acerto verbal, alguns técnicos indicavam ou emprestavam as suas jogadoras para outras equipes,

como foi o caso das jogadoras Claudia, Helena e Adriana (Campeonato Gaúcho) e Rafa (Campeonato Brasileiro). Ou seja, eles faziam o papel de mediadores das transferências.

O processo de produção de profissionais é atravessado por relações de poder, quase sempre unilaterais, no sentido de que são exercidas pela instituição sobre os indivíduos, pelos mestres sobre os aprendizes, pelos dirigentes sobre ambos (DAMO, 2007, p.122-123).

A jogadora Rafa, que foi goleira da categoria sub-17, passou pela equipe do Grêmio para a disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol de Mulheres que foi realizado no ano de 2016. A jogadora se dirigiu ao técnico do EC Pelotas/Phoenix como um intermediário dessa negociação. Segundo citam as entrevistadas abaixo:

Eu creio que tenha sido indicação dele, porque ele falou de algumas atletas que estariam aptas a participar, que ele achava que teriam capacidade de estar ali, então eu acho que foi a partir dele que a gente teve esse contato com a Patrícia (Técnica do Grêmio na época) (RAFA, 25/01/2018).

[...] o técnico tem grande influência nas meninas que chegaram na seleção, eu acho que tem bastante, inclusive. Por exemplo, a Andressinha, ela chegou na seleção, chegou onde chegou porque o técnico quis. Assim como meninas não chegaram a seleção porque o técnico não quis (CRISTINA, 30/01/2018).

Claro que o treinador não tem todo esse poder arbitrário de mandar e desmandar nas convocações que ocorriam na CBF. Porém, a sua indicação e sugestão para os observadores da seleção brasileira poderiam ser essenciais para oportunizar uma maior chance de convocação para alguma menina específica.

Além dessas negociações que ocorriam através da rede de contatos dos técnicos, outra caminho de seguir uma carreira futebolística para as jogadoras do EC Pelotas/Phoenix era os intercâmbios com universidades norte-americanas. Por causa da ausência de oportunidades em clubes brasileiros e da região, um dos caminhos que restavam para essas atletas buscarem a profissão, era essa mudança de país. E sobre isso, tem havido um crescimento no número de saídas de atletas do Brasil para outros países pelo mundo. Segundo Pisani (2014), a cada mil jogadores brasileiros que saíam para atuar no exterior, três eram mulheres.

Mesmo sendo um número que ainda é irrisório se comparado com o dos homens, isso mostra que nos últimos anos está havendo uma maior procura das jogadoras brasileiras para atuar em outros lugares, o que pode ser resultado da baixa estruturação existente para as mulheres que jogam o futebol brasileiro, gerando, desta forma, novos rumos e novos trajetos para as jogadoras alçarem.

Em relação a isto, a equipe do EC Pelotas/Phoenix estava realizando, na temporada 2017, uma parceria com uma empresa de intercâmbios de atletas para levar jogadoras para jogar futebol de campo e estudar por universidades norte-americanas. Uma dessas jogadoras que foi escolhida para participar desse projeto é a atleta Daniela. Segundo a jogadora, a influência dessa empresa não é essencial no processo.

Tem como tu ir sem precisar de uma empresa, porque acho que essas empresas ganham muito dinheiro em cima da gente, pra fazer.. Minha colega de quarto lá, ela pagou uma empresa que montou um vídeo pra ela e tudo, mas depois ela desistiu e ela mesmo aproveitou os vídeos, porque ela já tinha pago, ela mesmo mandou pro treinador das Universidades que ela queria, eles deram resposta, ela marcou o visto.. É que tu tem que saber fazer, né?! E tipo, ela foi procurando, marcou tudo e tá lá (DANIELA, 09/01/18).

Segundo a atleta: “Eles me ajudaram na questão do visto. É que assim, eles marcaram tudo pra mim. Marcaram visto, marcaram a função da prova. A questão de passagem, é tudo do bolso da gente. E o valor pra pagar isso também, tudo do nosso bolso” (DANIELA, 09/01/18).

Resumindo, as atletas poderiam jogar em universidades norte-americanas e outros lugares, sem o gasto com empresas específicas. Pois, para a realização desse processo somente era necessário o investimento financeiro por parte da família do atleta. Todavia, se pensarmos em termos financeiros, não é qualquer família que poderia arcar com esse valor financeiro para que sua filha jogasse nessas universidades. Visto que, apenas ficava restrito para famílias que possuíssem uma boa condição financeira que arcasse com os valores das passagens.

Portanto, embora as universidades quisessem levar as jogadoras que possuíssem uma melhor qualidade técnica para suas equipes, não seria possível, pois a prioridade se daria para pessoas que, além da parte técnica, também tivessem condições financeiras para realizar este processo.

No entanto, a atleta estando lá, as universidades norte-americanas eram responsáveis por pagar mensalmente uma bolsa de estudos para as atletas: “Eu recebo tudo, não pago nada” (DANIELA, 09/01/2018). A jogadora citou que além desse valor que recebe da universidade, no seu período inicial na universidade também contou com a ajuda de algumas pessoas do Brasil, como está registrado abaixo:

Tem essa minha amiga, a Julia, ela é do Espírito Santo. Ela me ajuda bastante, agora esse semestre ela vai ser minha colega de quarto por causa da situação da minha cirurgia, então ela vai me ajudar. Tem três brasileiras do vôlei também, elas me ajudam bastante, e tem um o Fred, ele faz medicina lá, mas ele não pratica nenhum esporte, mas ele é a nossa torcida organizada, tá sempre com a nossa bandeira do Brasil nos nossos jogos, jogos do vôlei, tudo (DANIELA, 09/01/2018).

Ou seja, para quem consegue arcar com esses custos, apesar do idioma ser um empecilho para a adaptação da jogadora nos Estados Unidos, a presença de pessoas brasileiras junto com ela na universidade fez com que sua adaptação fosse mais fácil e rápida. E isso vai ao encontro dos achados de Williams (2003), que traz em seu estudo que mais do que um bom desempenho dentro das quatro linhas, é necessário que a atleta tenha um bom relacionamento e um círculo de amizade para viver no exterior.

Enfim, esse era um dos caminhos que algumas jogadoras brasileiras, que tivessem condições financeiros para realizar o processo, poderiam prosseguir para pensar numa futura carreira futebolística. Já em se tratando da ampla maioria que não obtém condições para realizar esses intercâmbios, as oportunidades aconteciam ou em equipes que disputassem grandes competições nacionais ou havendo que abandonar o esporte por causa das ausências de oportunidades. Desta forma, havia somente dois caminhos para seguir.

Quanto às relações de oportunidades que a América do Sul oferecia para as atletas sul-americanas, e mais específico, o que o Brasil poderia oferecer para as suas atletas, um dos fatores que talvez pudesse contribuir para o crescimento do futebol de mulheres no continente, seria a iniciativa da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) em organizar a Copa Libertadores da América.

Pois, essa entidade responsável do campeonato tem o objetivo que a partir da edição de 2019, os clubes de futebol dos homens já tenham seus departamentos de equipes de mulheres formados. Pois, quem não tiver esses departamentos não poderão participar de nenhuma competição realizada por essa entidade futebolística. E desta forma, poderá ajudar “clubes de camisa” do país, a criarem seus departamentos de futebol para as mulheres, gerando um meio de revelar inúmeras jogadoras a outras equipes do mundo e também atletas com capacidade de servir a seleção brasileira.

Porém, clubes como o EC Pelotas/Phoenix não se beneficiarão com essas medidas, talvez até se prejudicarão, em razão de que diversas jogadoras que

poderiam vislumbrar uma futura carreira no clube ou que pudessem procurar a equipe para conseguir isso, buscarão ou jogarão por equipes que disputem outras competições além do campeonato estadual, que hoje a equipe do EC Pelotas/Phoenix disputa.

Apesar da competição da Copa Libertadores ser uma porta de entrada para que diversas jogadoras disputem com outras equipes sul-americanas o futebol de mulheres, o campeonato ainda requer de uma maior organização. No ano de 2017, aconteceu na cidade de Assunção, Paraguai, a edição do campeonato, e obteve apenas a duração de 15 dias (CONMEBOL, 2017). Ou seja, um período bem restrito comparado a outros torneios internacionais³⁴, inclusive, pensando-se que esta competição poderia ser a mais relevante ao se tratar dos clubes sul-americanos.

Portanto, a realidade nacional e continental ainda é difícil para que as jogadoras busquem as suas carreiras futebolísticas. Embora pelo mundo estejam surgindo possibilidades e alternativas para que as jogadoras brasileiras busquem a profissionalização na carreira futebolística, a realidade é que o lado financeiro pode ser tornar um grande empecilho para que elas se mantenham nos clubes.

Por isso, uma das possíveis soluções seria os investimentos das entidades responsáveis em equipes regionais e em torneios mais duradouros, para que melhore a formação das atletas de futebol de mulheres no Brasil.

³⁴ A UEFA Women's Champions League em 2017/2018 teve seu primeiro jogo disputado na data de 4 de outubro e sua final em 24 de maio em Kiev (Ucrânia)(UEFA, 2018). Ou seja, um campeonato onde os clubes e as jogadoras podem usufruir por um longo período e por diversos jogos.

7 Considerações Finais

Com a realização desta dissertação, alcançaram-se relatos importantes do futebol de mulheres do sul do Brasil, mais precisamente das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix da cidade de Pelotas/RS, o que permite uma considerável compreensão acerca dos elementos que constituem a formação do ser atleta de futebol de mulheres, tanto no sentido das dificuldades quanto nos desafios de seguir uma (im)provável profissão.

Dentre esses elementos, destacam-se as questões relativas a estruturação dessas jogadoras, pois elas se sacrificam com treinamentos, viagens, empenho, porém a qualidade e a estruturação que elas estão inseridas não são as mais adequadas. Elas enfrentam desde os campos esburacados dos campeonatos e treinamentos até o preconceito social, onde as pessoas ainda não consideram habitual a mulher praticar o futebol como uma forma profissional.

E sobre isso, é importante notar que apesar da maioria das atletas do EC Pelotas/Phoenix se considerarem jogadoras profissionais, por todo esforço e treinamento que realizavam, também existia um grupo de atletas que encaravam o clube como uma forma amadora, como uma forma de praticar o esporte que se gosta. Ou seja, a significação das jogadoras do clube eram diferentes. Havia atletas que estavam naquele espaço por gostarem do ambiente e da rede convívios, mas também havia atletas que faziam daquele espaço a sua vida.

E, especificamente, sobre essas atletas que faziam daquele lugar uma possível área profissional, quando terminava os campeonatos que disputavam, uma das possibilidades para elas seguirem no esporte, eram: intercâmbios, abandono do esporte ou rede de transferências de técnicos etc. Por isso, através do quadro atual da modalidade no país, a realidade brasileira ainda demandará de transformações e de tempo. Pois, existe a ausência de um calendário esportivo mais duradouro para

que as atletas se mantenham em nível competitivo nas suas equipes por mais tempo.

Essa precariedade estrutural das equipes ainda afeta o desenvolvimento de diversas mulheres que desejam se tornar atletas profissionais. Pois, existe uma carência financeira na maioria dos clubes e isto vai diretamente de encontro ao desenvolvimento profissional na carreira das atletas. Portanto, uma das saídas para desenvolver o futebol de mulheres no Brasil, seria uma nova reformulação da estrutura e da organização do futebol brasileiro, pois continuando com o retrato atual da modalidade, a maquiagem só tentará tapar as cicatrizes de períodos anteriores no Brasil e a precariedade continuará por um longo período, tornando-se difícil ocorrer maiores oportunidades para as futebolistas dentro do país.

Embora pelo mundo estejam surgindo possibilidades e alternativas para que as jogadoras brasileiras busquem a profissionalização na carreira futebolística, a realidade é que o lado financeiro pode ser tornar um grande empecilho para que elas se mantenham nos clubes. Por isso, uma das possíveis soluções seria os investimentos das entidades responsáveis em equipes regionais e em torneios mais duradouros, para que melhore a formação das atletas de futebol de mulheres no Brasil.

Nesse sentido, podemos concluir que as competições de alto rendimento no futebol de mulheres do Brasil são atravessadas por condições desiguais de profissionalização, em que se mesclam características amadoras da prática esportiva como lazer e também do envolvimento de atletas mulheres que dedicam-se a construção de sua carreira profissional no esporte. Aliada à provisoriedade em que competições e clubes se relacionam com o futebol de mulheres, é possível compreender a existência do caráter semiprofissional do futebol de mulheres no país.

Referências

AGFF. Ex-atletas e entusiastas se desdobram para manter o futebol feminino no RS. **Globo Esporte**, 2017. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/01/ex-atletas-e-entusiastas-se-desdobram-para-manter-o-futebol-feminino-no-rs.html>> Acesso em: 14 jan. 2017

ALMEIDA, Caroline Soares de. Belas e Feras, nós e as masculinizadas. In: **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 107-133.

BALLARYNI, H. Por que a mulher não deve praticar o futebol. **Revista Educação Physica**, v.49, p.52, dez. 1940.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos da Ufes, 1997.

BRASIL. **Lei nº 9.981 de 14 de julho de 2000**. Altera dispositivos da Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, e dá outras providências. Brasília: D.O.U., 17/07/2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9981.htm> Acesso em: 07 mai. 2018.

CARAZZATO J. G. **Manual de medicina do esporte**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Medicina Esportiva/Laboratório Pfizer, 1993.

CARDOSO, M. **Caracterização do esforço do futebolista no escalão “escolas”**. Futebol de sete versus futebol de onze. 1998. Tese (Mestrado em Ciências do Desporto) - FCDEF-UP, Porto, 1998.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

CBF. Novidades do Brasileiro Feminino 2017. **Assessoria CBF**, 2016. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/brasileiro-feminino-2017?ref=more>>. Acesso em: 10 mar. 2017

CONMEBOL. A bola começa a rolar na CONMEBOL Libertadores Feminina. **CONMEBOL**, 7/10/2018. Disponível em: <<http://www.conmebol.com/pt-br/bola-comeca-rolar-na-conmebol-libertadores-feminina>>. Acesso em: 28 mai. 2018

CUNHA, Teresa Cristina de Paiva Montes. Araguari, berço do futebol feminino no Brasil. **Portal de Araguari**, 09 out. 2011. Disponível em:<<http://www.portaldearaguari.com.br/2008/10/primeiro-artigo-de-repercussao-nacional.html>>. Acesso em: 10 mar. 2017

DAMO, Arley S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo, Hucitec, 2007.

DAOLIO, Jocimar. **As contradições do futebol brasileiro**. Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DORNELLES, P.G. **Distintos destinos?** A separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero. 2007.156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v.25, n.50, p.315-328, 2005.

GAÚCHAZH. Times femininos do Interior vivem de vaquinhas, rifas e até venda de trufas. Gaúcha ZH, 06/10/2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/10/times-femininos-do-interior-vivem-de-vaquinhas-rifas-e-ate-venda-de-trufas-cj8dldvj1009n01o7virn2it2.html>>. Acesso em: 08 out. 2017

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1989.

GOELLNER, Silvana. Prefácio. In: RUBIO, Katia (Org.). **As mulheres e o esporte olímpico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

GOELLNER, S. Apresentação. In: KESSLER, Cláudia Samuel. **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p.14.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Pode a mulher praticar o futebol**. Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GOMES, P.B.; SILVA, P.; QUEIRÓZ, P. **Equidade na Educação Física e desporto na escola**. Porto: Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto, 2000.

IBGE.Cidades. **IBGE**, 2016. Disponível em:
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431440>> Acesso em: 21 ago.2017.

KESSLER, Cláudia Samuel. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

KNIJNIK, J.D.; VASCONCELLOS, E.G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J.R. (Ed.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003. p.2-18.

LOBASE. C. PELOTAS. História. **Lobas EC Pelotas**, 2016. Disponível em:
<<http://lobasecpelotas.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 21 mar. 2017.
_____. **Lobas EC Pelotas**, 2018. Disponível em:
<http://lobasecpelotas.blogspot.com/search?updated-max=2017-11-10T13:14:00-02:00&max-results=10>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A.N.S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p.107-139.

MOURA, E. J. L. **As relações entre lazer, futebol e gênero**.2003. 125f.Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2003.

MOURA, E. L. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J.(Org). **Futebol, cultura e sociedade**.Campinas: Autores Associados, 2005. p.131-147.

NEWSHAM, Gail J. **In a league of their own!**The Dick, Kerr Ladies Football Team. Londres:Scarlet Press, 1997.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PISANI, Mariane da Silva. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra?. **Esporte e Sociedade**, n.23, 2014.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futebol e Sociedade: Uma Análise Histórica. **Unicamp**, 2003. Disponível em: <<http://www.fef.unicamp.br/fef/docs/gruposdepesquisa/gef/FUTEBOL%20E%20SOCIEDADE%20uma%20analise%20historica.docx>> Acesso em: 7 mai. 2018.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, v.14, n.30, p.21-65, 2008.

RIGO, L. C. *et al.* Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.29, n.3, p.173 -188, maio 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS**,. n.21, 2008.

SALGADO, Diego; COLOMBARI, Emanuel. 'Meninas dão de quatro?': Jornal do AM admite excesso e promete retratação. **Esporte UOL**, 2016. Disponível em:<<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/12/12/meninas-dao-de-quatro-jornal-do-am-admite-excesso-e-promete-retratacao.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SALLES, José Geraldo do Carmo. **Entre a paixão e o interesse** – o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro. 2004. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SALLES, José Geraldo do Carmo; SILVA, Maria Cecília de Paula; COSTA, Marta de Moura. A Mulher e o Futebol: Significados Históricos. In: VOTRE, Sebastião (Coord.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**.Rio de Janeiro: Editora Central da UGF,1996. p.79-94.

SALVINI, Leila. **Novo Mundo Futebol Clube e o velho mundo do futebol:** considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol. 2012.178f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista placar entre os anos de 1980-1990. **Revista Movimento**, v.19, n.1, p.95-115, jan./mar. 2013.

SANTOS, José E.A. **BRAPEL: A Rivalidade no sul do Rio Grande.** Pelotas: Livraria Mundial, 2010.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994).1994. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.

SOUZA JÚNIOR, O.M. de; DARIDO, S.C. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v.8, n.1, p.1-9, jan./abr. 2002.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres:** interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 329f. Tese (Doutorado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document>> Acesso em: 7 mai. 2018.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira. **“Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar”** – atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado. 2017.128f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SPRADLEY, J. P. **Participant observation.** Orlando, Flórida: Library of Congress Cataloging in Publication Data, 1980.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UEFA. Futebol Feminino. **UEFA**, 2017. Disponível em: <<https://pt.uefa.com/insideuefa/football-development/womens-football/index.html>>. Acesso em: 29 mai.2018.

UEFA. Lyon vence, Hegerberg faz história: a #UWCL 2018 de relance. **UEFA**, 24/05/2018. Disponível em: <<http://pt.uefa.com/womenschampionsleague/news/newsid=2560986.html?iv=true>>. Acesso em: 28 mai. 2018

WILLIAMS, J. **A game for rough girls**: a history of women's football in England. New York: Routledge, 2003.

Apêndices

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista Semiestruturada para as Jogadoras do EC Pelotas/Phoenix

Dados Gerais:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Cidade Natal:

Cidade Local:

Início da Carreira Futebolística:

- 1- Quando e como ocorreu o seu primeiro contato com a modalidade? Tem algum/alguma atleta que tu te espelhas para jogar?
- 2- Jogava futebol com os/as meninos/meninas na rua/escola/espacos de lazer? Alguém te impediu de jogar futebol nesses espacos?

Esporte Clube Pelotas/Phoenix:

- 3- Como soube da existência do clube? Há quanto tempo está no clube? Jogou em outras equipes? Já pensou em sair do clube?
- 4- Você paga ou recebe algum benefício para jogar no clube?
- 5- Você acredita que o clube te dá visibilidade para uma carreira de sucesso no futebol de campo? Qual o ápice de uma carreira futebolística que tu consideras?
- 6- Qual a influência dos seus pais na sua carreira? Eles ajudam financeiramente o clube?

Estruturação dos Campeonatos:

- 7- O que você acha da estrutura do campeonato gaúcho? Considera adequada?

Profissionalização:

- 8- O que significa Futebol para você? Consideras que joga amadoramente ou por profissão?
- 9- Você se considera jogadora de futebol? Abriria mão de algumas coisas para seguir a carreira futebolística?
- 10- Você consegue ir a todos os treinos do clube?
- 11- Possui passagens pela seleção, ou sonhas em ter?
- 12- Sobre a parceria do clube com a GO/USA, as atletas pagam algum valor no processo? Como funciona?

APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO E AUTORIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Rua Luiz de Camões, 625- Bairro Tablada- CEP: 96055-630-Pelotas/RS
Telefones: (53)3273 2752/3283 7485- Fone Fax: (53)3273 3851

Ao Coordenador(a) do Esporte Clube Pelotas/Phoenix *MARCOS PLÂMELA BARBOSA*

Prezado Senhor

Considerando a realização da pesquisa "Futebol além das quatro linhas", a qual tem como objetivo de analisar a formação "profissional" de atletas de futebol feminino no Esporte Clube Pelotas/Phoenix, vimos solicitar a autorização desta entidade esportiva para a realização da pesquisa de dissertação de mestrado, junto às atletas do clube vinculadas ao futebol feminino. A pesquisa consistirá em observações em dias de treinamentos, jogos e viagens que o clube irá realizar, bem como entrevistas junto à algumas atletas selecionadas para a coleta de dados, e utilização de imagens do EC Pelotas/Phoenix.

Agradecemos a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

ASSINATURA DOS PESQUISADORES RESPONSÁVEIS:

Martina Gonçalves Burch Costa

Mestranda Martina Gonçalves Burch Costa

(Martina_gbc@hotmail.com)

Giovanni Frizzo

Prof. Dr. Giovanni Frizzo

(g2frizzo@gmail.com)

Marcos Plâmela Barbosa

APÊNDICEC – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Martina Gonçalves Burch Costa

Orientador responsável: Giovanni Felipe Ernst Frizzo

Instituição: Escola Superior de Educação Física – ESEF/UFPEL

Endereço: Rua Luiz de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS

Telefone: (53) 3273-2752

Concordam em participar do estudo “Futebol além das quatro linhas”. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral “analisar a formação ‘profissional’ de atletas de futebol feminino no Esporte Clube Pelotas/Phoenix”, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá responder a uma entrevista sobre a temática do estudo de acordo com os seus objetivos, e poderão ser utilizados(as) fotos dos entrevistados(as).

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: O voluntário (a) não será obrigado (a) a responder todas as questões. Pois, alguns questionamentos poderão gerar estresse ou irritabilidade por parte da população da amostra. Caso o entrevistado quiser sair em qualquer momento da pesquisa, ficará livre e disponível para isto, não havendo a obrigatoriedade da participação da investigação. O orientador estará disponível sobre quaisquer dúvidas do projeto.

BENEFÍCIOS: O benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e posteriormente a situações de ensino-aprendizagem.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.

DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.

CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal: _____ Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ____ / ____ / _____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPEL – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone:(53)3273-2752.

ASSINATURA DOS PESQUISADORES RESPONSÁVEIS;

Martina Gonçalves Burch Costa
(Martina_gbc@hotmail.com)

Giovanni Frizzo
(g2frizzo@gmail.com)